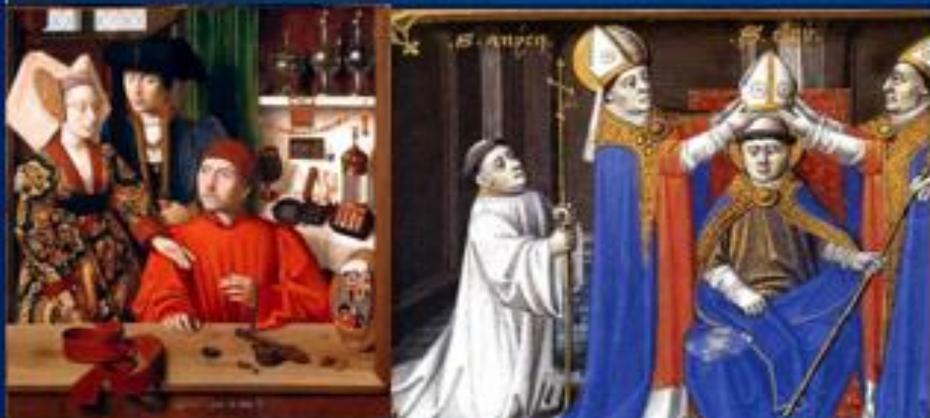


UNAN Numismática

Revista digital bimestral de la Unión Americana de Numismática



ISSN 2519-1276



33

9 772519 127004

Contenido / conteúdo

Literatura y
numismática

El dinero bala

Revista
Numismática
Brasileira

Livro "Manual de
erros em moedas"

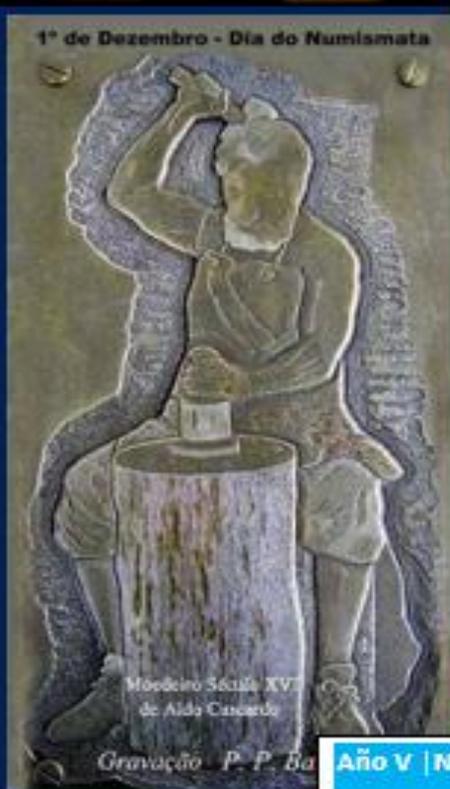
XXIII Congresso
Brasileiro de
Numismática

Uruguay – BCU
presenta muestra
de monedas
conmemorativas

Ecuador – BCE –
pieza del mes

Edmonton
Numismatic
Society – The
Planchet

SNB – Dia do
Numismata no
Brasil



UNAN - GRUPO DIRECTIVO

PRESIDENTES:

Marcos Silvera Antúnez, Roberto Jovel, Oswaldo M. Rodrigues, Pablo Moya Mascaró, Álvaro Rodríguez, Pedro Cano Borrego.

VICEPRESIDENTES:

Federico De Ansó, Manuel Chacón, Paolo Quenta Loza.

DIRECTOR EJECUTIVO | DIRETOR EXECUTIVO

Carlos Torres Gandolfi (Chile-Brasil)

DIRECTOR DE EDICIÓN | DIRETOR DE EDIÇÃO

Oswaldo M. Rodrigues Jr. (Brasil)

SUB DIRECTOR DE EDICIÓN | SUB DIRETOR DE EDIÇÃO

Alejandro Dussuel Gamonal (Chile)

COMITÉ EDITORIAL | COMITÊ EDITORIAL

Sergio Martínez Baeza (Chile)

Pedro Damián Cano Borrego (España)

Raúl Tapia Bascope (Bolivia)

Carlos Iza Terán (Ecuador)

Yuri Victorino (Brasil)

Javier Avilleira (Uruguay)

Víctor Eduardo Gonzaga León (Perú)

Álvaro Rodríguez (Canadá)

ASESORÍA LEGAL

Dr. Marcelo Castillo Sánchez (Chile)

La revista digital bimestral “UNAN Numismática” es el medio de comunicación oficial de la Unión Americana de Numismática. Es una publicación científica sin fines de lucro, con distribución gratuita, cuyo objetivo es la divulgación de la Numismática como “Ciencia Social”, en todas sus manifestaciones, así como en su historia y la cultura de América, promoviendo la unión e integración, en los principios de “Amistad y Colaboración” en el reconocimiento de la diversidad y la pluralidad.

Fue creada por sus gestores junto con la fundación de la UNAN, el día 23 de febrero de 2015, con la colaboración decisiva de la **Sociedad Numismática de Tacna**.

Se autoriza la reproducción total o parcial de la revista, agradeciendo citar la fuente. El contenido de los artículos es de exclusiva responsabilidad de sus autores, los cuales pueden tener, a su vez, derechos de autor registrados como propiedad intelectual.

Para recibir periódicamente la revista, por consultas, comentarios o envío de artículos, puede contactarse a través de la dirección de correo electrónico:

oswrod1@hotmail.com

radiesteziagandolfi@hotmail.com

Las ediciones anteriores pueden descargarse en Facebook e Issuu, o en <http://www.mascoleccionismo.com/archivo-revista-unan-numismatica/>

A revista digital bimestral “UNAN Numismática” é o meio de comunicação oficial da União Americana de Numismática.

É uma publicação sem fins lucrativos, com distribuição gratuita, cujo objetivo é a divulgação da Numismática em todas suas manifestações, assim como a história e a cultura

de América, promovendo a integração, no reconhecimento da diversidade e a pluralidade.

Foi criada junto com a fundação da UNAN, o dia 23 de fevereiro de 2015, com a colaboração decisiva da **Sociedade Numismática de Tacna**.

Autoriza-se a reprodução total ou parcial da revista e agradece-se a menção da fonte. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade exclusiva dos autores, os quais podem ter direitos de autor registrados como propriedade intelectual.

Para receber periodicamente a revista, questionamentos, comentários ou envio de artigos, favor entrar em contato através dos endereços de correio eletrônico:

oswrod1@hotmail.com ou

radiesteziagandolfi@hotmail.com

As edições anteriores podem ser baixadas em Facebook e Issuu, ou em <http://www.mascoleccionismo.com/archivo-revista-unan-numismatica/>.

GRUPO DE EXPERTOS NUMISMÁTICOS

Oswaldo M. Rodrigues Jr. (Brasil), Alexandre Cabral da Costa (Brasil), Leandro Michels Widnef (Brasil), Ildemar Margraf (Brasil), Carlos Torres Gandolfi (Chile-Brasil), Ramón Rodríguez Hernández (Uruguay), Víctor Eduardo Gonzaga León (Perú), Hilton Lucio (Brasil), Daniel Oropeza Alba (Bolivia), Bernardo A. Oliva Muñoz (Chile).

Contenido/Sumário	Pág.
Editorial	3
UNAN	4
Reglamento de la revista “UNAN Numismática”	
Carlos Iza Téran	5
Literatura y numismática	
Pons Javier Guillermo	31
El dinero bala	
Jonathan Isaac Moscoso Briceño	39
La Ceca de Londres - The Royal Mint 2019	
Oswaldo M. Rodrigues Jr.	42
Revista Numismática Brasileira	
Edil Gomes	43
Livro “Manual de erros em moedas”	
SNB	44
XXIII Congresso Brasileiro de Numismática	
Uruguay -BCU presenta muestra de monedas conmemorativas	45
Ecuador – BCE – Museo Numismático	46
Pieza del Mes	
Edmonton Numismatic Society	47
The Planchet, 2019	
PINF Porto International Numismatic Fair	48
Porto	
SNB – Sociedade Numismática Brasileira	49
DIA DO NUMISMATA no Brasil	
Anúncios de eventos	51

EDITORIAL

Em nome da União Numismática Americana, tenho a honra de dirigir-me aos numismatas e colecionadores que possam ser beneficiados pela leitura desta revista.

Dezembro inicia-se pelas comemorações do Dia do Numismata em vários países, inclusive o Brasil, onde a data, além de São Eligio, já reconhecido patrono da Numismática por voto e designação na primeira metade do século XX, traz uma interessante história que nos refere à coroação de D. Pedro I enquanto Imperador do Brasil. A data importa em muito à numária brasileira, pela representação que tem a moeda de 6.400 réis, de ouro 22, com efígie do Imperador. Denominada de “peça da coroação”, muitas vezes traz a discussão de que deveria ser considerada uma medalha por ter sido distribuída aos nobres presentes ao evento, prática comum na nobreza europeia, não fosse o nome “peça” referir à moeda portuguesa de mesmo peso e título e valor facial. Das poucas dezenas cunhadas, somente 16 moedas são conhecidas atualmente, elevando o valor de compra aos interessados, sendo tratada como rara, embora não o seja de acordo com as convenções do mundo numismático.

Assim referimos a capa desta edição, com uma colagem de referências a quadros, moedas e medalhas do bispo cunhador de moedas, inserindo a moeda de 1822, a primeira cunhada representando a independência do Brasil, à qual iniciamos comemorações em dois anos.

Porém, no Brasil, também se referem os moedeiros, funcionários da mais antiga empresa em registro em solo brasileiro, a Casa da Moeda do Brasil – CMB, à Santa Ana, que lhes protege e também denota um dia especial no Brasil.

Assumindo o cargo de Editor desta publicação, por designação do grupo administrativo da UNAN, inicio o recebimento de artigos sobre nossos interesses comuns, a numismática, assim como manteremos as seções já iniciadas sempre que tenhamos materiais para publicar em cada uma.

Nesta empreitada contamos com a colaboração do Promotor da UNAN, e Diretor Executivo desta publicação, Carlos Torres Gandolfi, e dos presidentes dos Polos Regionais do Continente, os quais, sei, logo produzirão material sobre os eventos e atividades numismáticas de cada país a partir de cada das sociedades e associações nacionais e regionais, conduzindo a profusa divulgação do interesse numismático facilitando o preenchimento das coleções e melhorando a qualidade destas através de novos conhecimentos e caminhos.

Estamos com nossas páginas abertas para publicar artigos de toda espécie, porém cuidando para que mantenham um padrão ético, profissional, e porque não afirmar, científico?

Saudações numismáticas desde São Paulo, Brasil,

Oswaldo M. Rodrigues Jr. (Brasil)
DIRECTOR DE EDICIÓN | DIRETOR DE EDIÇÃO



Reglamento de la Revista Digital UNAN Numismática

ÓRGANO OFICIAL DE LA UNIÓN AMERICANA DE NUMISMÁTICA - UNAN

Definir los criterios que ella debe contener en el futuro, basados en los principios de “Unión, Amistad y Cooperación” entre los distintos países de nuestro continente, para la difusión de la Numismática Americana. Dejamos en vuestro poder este documento para que sea analizado y estudiado especialmente.

PUNTOS PRINCIPALES:

1. La revista no puede contener bajo ningún punto de vista, artículos tendenciosos o de carácter notoriamente político partidista, o proselitismo religioso, atentar contra las buenas costumbres de la estética, ética o Moral.
2. Su principal objetivo y finalidad es la difusión de la unión entre la Numismática y ciencias afines con la historia, el arte y la cultura de nuestras naciones, para ello recibirá tanto artículos de destacados numismáticos, como de jóvenes que están realizando interesantes investigaciones numismáticas actualmente.
3. No se recibirá propaganda comercial pagada con fines de lucro, de ninguna especie. Ella podrá recibir donaciones de sus Socios Colaboradores, para financiar algunos requerimientos que ella necesite, para la excelencia de sus ediciones.
4. Podrá estar editada con artículos eventualmente en uno de los tres idiomas principales de América: español, inglés y portugués o en su efecto, por ejemplo, en forma bilingüe, como español-inglés.
5. Todos los artículos pueden ser utilizados, indicando siempre que se cite la referencia de su origen, a menos que el artículo tenga Derechos Reservados de su autor.
6. Los artículos que cumplan con los requisitos anteriores serán admitidos de todos los países de América, sin excepción.
7. Los contenidos de los artículos publicado serán de exclusiva responsabilidad de los autores.
8. La revista podrá ser editada, en forma mensual o bimestral.

ISSN 2519-1276

PUNTOS GENERALES:

1. La revista tendrá un Comité Editorial, integrado por reconocidos miembros o personas ajenas a UNAN, que deseen participar con su experiencia y prestigiar la edición de la revista. Y en forma permanente por los Presidentes y Vicepresidentes de los Polos, como el Cuerpo Directivo.
2. Tendrá un Director Ejecutivo, que determinará las directrices de las ediciones de acuerdo a los criterios establecidos por los Presidentes y Vicepresidentes, en los acuerdos que ellos determinen que estarán ordenados en este documento.
3. Tendrá un Director de Edición, quien será el responsable de la edición y diagramación de la revista, a los cual se le prestará toda la ayuda necesaria para el buen éxito de sus funciones. Dependerá del Director de Edición, designar un Director de Redacción y de un diagramador, si así lo estime necesario, formando un equipo de trabajo.
4. Habrá la Asistencia Legal, que será de cargo de un abogado.
5. La revista para una mejor calidad, tendrá un grupo de expertos numismáticos, que puedan ayudar a la veracidad de los contenidos numismáticos, en ella contenidos.
6. La revista es realizada Ad Honórem, en todos los cargos que ella pudiese tener, y sólo en caso de fuerza mayor la intervención de un profesional especializado, pagado.



LITERATURA Y NUMISMÁTICA

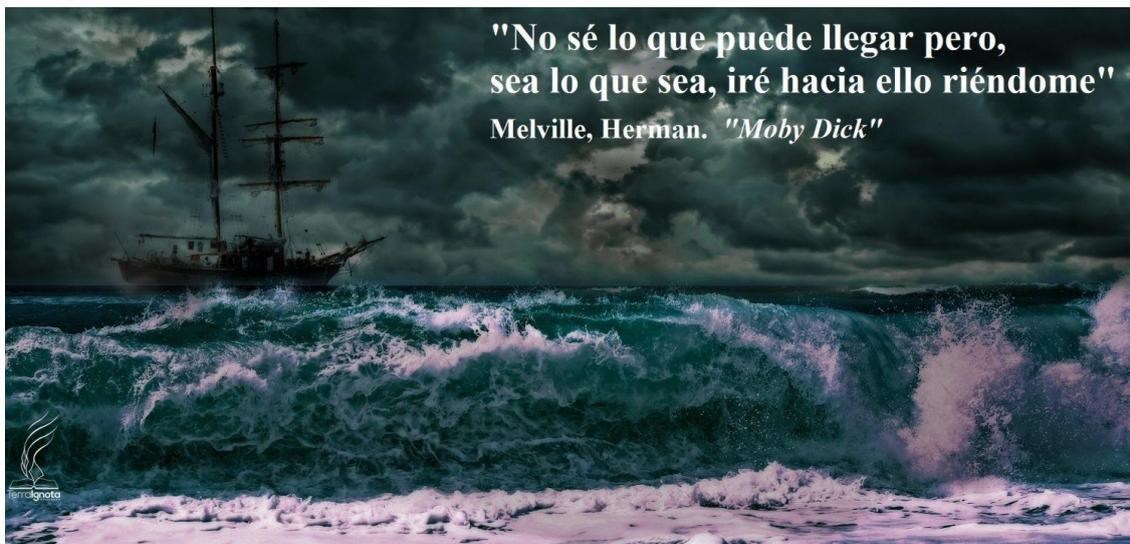
Carlos Iza Terán

Miembro Correspondiente *Academia Nacional de Historia de Ecuador* - Quito
agosto de 2019

INTRODUCCIÓN

En el mundo numismático, no es muy común que una moneda sea coprotagonista de una obra literaria, ese es el caso de la onza quiteña acuñada en 1838, en la **Casa de Moneda de Quito**. "*Moby Dick, la ballena*". Es la novela del escritor norteamericano Herman Melville editada en octubre de 1851, donde existe un capítulo llamado "El doblón de Ahad"

en el que se detalla las características de la onza quiteña. En 1956, es llevada al cine de la mano del director John Huston, con Gregory Peck en el papel del Capitán Ahad y Richard Basehart como Ismael, quien años después será el almirante Nelson capitán del *Sibiu* en la serie televisiva "Viaje al fondo del mar" (1964).



"No sé lo que puede llegar pero,
sea lo que sea, iré hacia ello riéndome"
Melville, Herman. "*Moby Dick*"

"Moby Dick, The Whale" /Autor: Herman Melville/ Harper & Brothers Publishers, Londres/1851

La Literatura y la Numismática son ciencias sociales con diferente contexto, pero en pocas oportunidades se entrecruzan, para generar o dar a conocer un fenómeno social que de por sí es extraordinario al evidenciar procesos sociales diacrónicos y sincrónicos que han logrado pervivir en la memoria histórica tanto por su significación y

aporte a la Literatura de occidente como a la historia numismática, en este caso de América y más particularmente de Ecuador.

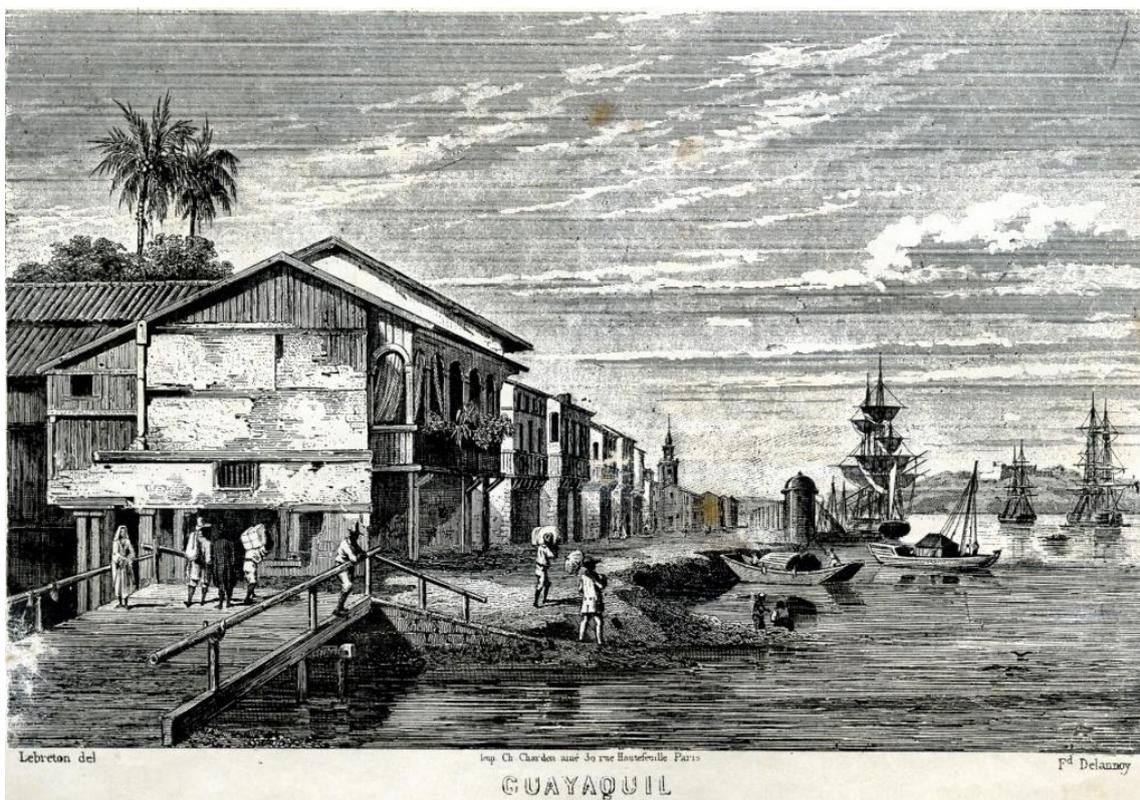
Los cambios producidos a partir del siglo XIX definieron la creación de un mundo cuyo antagonismo buscó en la Literatura romper con el tradicionalismo de las tendencias ideológicas, marcadas

por los modelos políticos monárquicos; las corrientes de pensamiento que dieron lugar a la Revolución Francesa visibilizaron al hombre como el centro de la naturaleza, un antropocentrismo fundamentado en que el individuo es el dueño de su destino, opuesto al teocentrismo medieval tan oscuro y místico como su modelo de vida.

Es en este universo de cambios en el que la temática literaria tomará como objeto lírico al mundo que le rodea, a la sociedad, sus costumbres, tradiciones e incluso a una amalgama social en la que nadie quedará anulado; es el caso de “Moby Dick, la Ballena blanca” de Herman Melville, donde un atormentado capitán junto con una multiétnica tripulación, buscarán a una mítica ballena albina, causante de sus males, cuya

obsesión, llevará a un frágil *Pequod* al final de sus días sin más sextante, ni brújula que el fondo de las aguas del Pacífico, probablemente frente a las costas de lo que hoy es Ecuador. En medio de esa debacle surge una brillante y enorme moneda en módulo de a onza, acuñada en la **Casa de Moneda de Quito** en 1838.

No solamente la moneda ecuatoriana es la referenciada en la novela, son también los paisajes, los escenarios donde se desarrolla la trama, hablamos de las costas de las provincias de Manabí y Guayas, no se trata de una coincidencia, sino que entre junio y octubre las ballenas van por la isla de la Plata, las aguas ribereñas de Ecuador, Perú, hasta Chile, lo hacen desde hace siglos.



Muelle de Guayaquil/ Siglo XIX. Grabado
 Autor: Ernest Charton
 Archivo Histórico
 Biblioteca Municipal Guayaquil- Ecuador

El siglo decimonónico, las tendencias literarias y el modelo económico

Durante el siglo XIX, cinco movimientos literarios surgen en la América Hispana. Los que perviven a lo largo del siglo, conviven y se entremezclan, dando lugar a una expresión literaria propia, con sus particulares rasgos de identidad en los que abunda el sincretismo, mostrando una América exótica, en ese sentido las corrientes en boga a esa línea del tiempo mostrarán obras de marcada influencia, tanto Neoclásica, Romántica, Realista Naturalista y Modernista.¹

El Neoclasicismo se desarrolla en América en la primera mitad del siglo XIX. Los temas preferidos de los neoclásicos fueron la emancipación del continente y su inmediata organización republicana². De las ideas liberales de la Ilustración brotó el interés por la libertad y la lucha contra la tiranía española. Las tendencias literarias de la época, posicionaban en sus obras las hazañas y gestas de los libertadores; en el relato se acompañó del recurso del retrato y del paisaje mediante los cuales se daba a conocer el paisaje americano. La línea expresiva en la letra, mostraba un discurso de intolerancia y descontento con el modelo social y político manejado por la metrópoli.

Las tendencias literarias buscaron romper con el tradicionalismo colonial incorporando al naturalismo y por ende al realismo, en busca de una línea modernista en la cual se integran los medios de comunicación como los nexos de unión de mundos distantes y desconocidos, entre esos el tren, pero principalmente los navíos. Motivo de inspiración en las letras de Melville, está entonces la simbiosis entre la aventura, la subsistencia y un componente del modelo

económico de esa línea del tiempo, que fue la explotación y cacería de cetáceos, su aceite y carne muy apetecidos y la verdadera odisea que consistía la captura de estos legendarios seres, lo que da lugar a la novela; el nombre en cambio ha de surgir de una ballena albina, tan grande como un navío, cuya existencia entre el mito y la fantasía, fue la comidilla de cuantos marinos surcaban las aguas del Pacífico desde las costas ribereñas de Colombia atravesando el Ecuador hasta las frías aguas de Paita en Perú.

El comercio fue uno de los principales componentes del modelo económico decimonónico, en el que el mar y las embarcaciones jugaron un papel preponderante. El dominio marítimo de la época ya no era protagonizado por “La Real Marina de los Mares del Sur y Mar Océano”, sino por empresas de origen británico y de los nacientes Estados Unidos de norte América que atravesaban en la época de reproducción de los cetáceos las aguas del Pacífico en busca de ballenas; surge de allí el libro *Moby Dick* y su curioso inicio: “...Llamadme Ismael...”³.

Moby Dick narra la travesía del ballenero *Pequod* en la obsesiva y autodestructiva persecución de una gran ballena blanca impulsada por el capitán Ahab. El derrotero y travesía del *Pequod* está cargado de eventos en los cuales se constituyen en objetos líricos, los marinos de distinto origen, el capitán y su insistente búsqueda, *Moby Dick* y una moneda singular como la misma novela, la onza quiteña. Acuñada en 1838 en la Casa de Moneda de Quito, cuya gráfica y simbolismo la convierten en un hito tanto en la Literatura Universal, por lo magistral del tratamiento de la prosa, como en la Numismática Americana, al ser la única moneda del mundo de occidente que es parte sustancial de una novela.

¹

<https://milocusamoenus.wordpress.com/2012/07/17/la-evolucion-de-las-corrientes-literarias-del-siglo-xix-y-sus-caracteristicas-mas-importantes.03082019>

² *Ibíd.*,1

³ Melville, Herman. “*Moby Dick*” 1851



The Spermaceti whale
Litografía mediados Siglo XIX
Gráfica Novela Moby Dick

Breve análisis de la novela

Por género es una novela y por subgénero relaciona las temáticas de: alegoría, biología, caza de ballenas, ficción náutica, narrativa del cautiverio, novela de aventuras, épica, religión, sociedad estadounidense, simbolismo, trascendentalismo, venganza.

Moby-Dick, La gran ballena

blanca es el sexto libro del escritor estadounidense Herman Melville, (Nueva York, 1 de agosto de 1819 - 28 de septiembre de 1891), considerada como su obra maestra y uno de los principales referentes de la literatura (de lengua) inglesa. Sin embargo, en las versiones en castellano está muy bien estructurada en sintaxis y cohesión gramatical.



MOBY DICK/Litografía /Ilustración/ Siglo XX

Se trata de una novela de aventuras, con prosa muy bien tratada en rica alegoría épica, narra de forma frenética, la persecución de su atormentado Capitán, contra un enorme *leviatán* de la naturaleza; se evidencia actitudes psicológicas de los personajes cada uno adentrado en su mundo, con sus obsesiones, miedos, deseos y vivencias pasadas, que han marcado sus vidas. La venganza, las relaciones humanas e incluso el racismo se reiteran en cada uno de los capítulos, de trama alucinante, rica en recursos literarios que deja al lector el deseo de continuar la lectura, muy exquisita en detalles de artilugios y terminología marina. El libro aborda la vida náutica de Ismael, un joven de Nueva Inglaterra que decide hacerse a la mar para la caza de ballenas. Tras estar cierto tiempo en Nantucket, Massachusetts, conoce y entabla amistad con *Queequeg*, un intrépido arponero polinesio y ambos se embarcan en la aventura. El barco ballenero *Pequod*, está compuesto por tripulantes de todas las nacionalidades (en especial británicos, chilenos, españoles, franceses y nórdicos) quizá una *Torre de Babel* ó quizá la misma humanidad que embarcada en un ballenero es conducida a un siniestro fin, por la testarudez de su capitán, que, en su sed de venganza, llevará a la frágil embarcación a un fin bíblico que concluye con un epílogo cuya cita inicial es del Job: "...Y sólo yo escapé para contártelo..."⁴ Esa referencia bíblica indica que Ismael fue el único sobreviviente de una lucha encarnizada cuyo Capitán en su deseo de cobrar la deuda por la pierna perdida por culpa de un enorme cachalote blanco llamado Moby Dick, también sucumbió junto al enorme *leviatán* en las frías y tumultuosas aguas del Pacífico

4

<https://www.biblegateway.com/verse/es/Job%201%3A16>. 12082019

Estilo y composición

Melville, explora dos movimientos literarios en su obra: el Simbolismo y el Trascendentalismo, la prosa, está marcada de fuertes descripciones (en eventos y personajes), metáforas religiosas y eventos reales sobre la caza de ballenas. Nada extraño, pues su autor vivió varias etapas de su vida en torno a la cacería de ballenas.

El simbolismo se evidencia por medio de las alusiones donde las ideas humanas se reflejan en cosas y animales (en este caso, el barco *Pequod* y en la ballena). También el libro tiene referencias a la biología, a la política, a la filosofía (el idealismo) y los problemas sociales como el racismo. La novela forma parte del Trascendentalismo, un movimiento literario estadounidense con raíces religiosas y en la filosofía idealista y kantiana, establecen que los objetos no son cognoscibles en sí mismos, sino sólo a través de la estructura espacial, temporal y categorial que el sujeto proyecta sobre el mundo; es decir, el individuo consigue su independencia al entrar en contacto con el creador de vida, a través de la intuición y la experiencia ante los objetos en todos sus ámbitos (lo espacial, lo temporal), lo diacrónico y lo sincrónico.

La onza quiteña y la novela

A través del Simbolismo y el Trascendentalismo es posible entender las razones por las cuales, Melville hace alusión en sendos capítulos al llamado *Doblón de Ahad*. La pregunta es: ¿...porqué...?; la respuesta es que en el siglo XIX muchos contextos del mundo de occidente, se hallaban en el proceso de la búsqueda y definición de un cuño de identidad para su monetario, en el cual la influencia de las corrientes de pensamiento que permitieron la definición de libertad, jugaron un papel preponderante; el Neoclasicismo, la Iluminación y los ideales forjados en la *Revolución Francesa* darán lugar a una

iconografía numismática en la cual se destacarán sobre todo, elementos regionales como accidentes geográficos, fauna local y demás elementos lugareños a los que se acompañaron de epígrafes

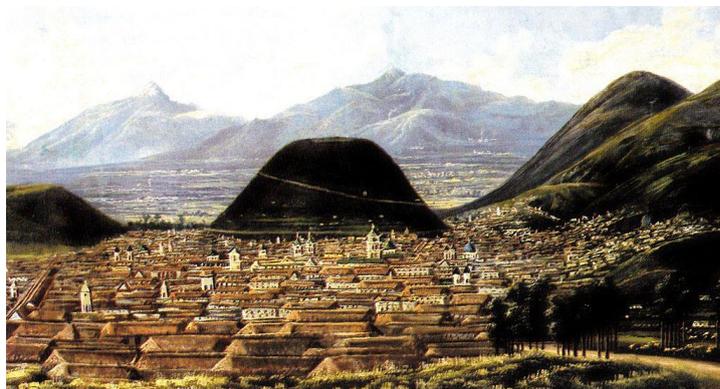
relacionados con el lugar de acuñación y de gráficas complementarias a un discurso identitario.



8 escudos oro / 1838 /Casa de la Moneda de Quito /Ensayador: Santiago Taylor /Onza Quiteña /Moby Dick.

En el caso de la onza quiteña, es importante mencionar que su circulación respondía al bimetalismo vigente a esa época, (oro y plata) y al sistema monetario dominante en buena parte del mundo de occidente, *reales* para las amonedaciones de plata y *escudos* para las fracciones de la onza de oro, en efecto este sistema era originario del antiguo monetario hispano, así la onza castellana, labrada en oro, también identificada en el libro como “onza española” fue la unidad monetaria de uso regular en el siglo XIX respondiendo al modelo económico

decimonónico sostenido en el comercio internacional, su poder liberatorio era importante, de allí que Ahad pretendiera regalarla a alguno de los marinos que aviste a Moby Dick, entonces haciendo gala de la codicia, y de un discurso vehemente, clava en el palo mayor, una onza quiteña, un doblón de a ocho, a vista de todos los tripulantes, como un trofeo alcanzable a vista y tacto ...pero inalcanzable por lo que significaba enfrentar la muerte en compensación con un trozo de oro amonedado.



Quito
Óleo sobre tela
Autor: Rafael Salas
Siglo XIX

Tan importante es la moneda para la trama, que el autor le dedica por entero el capítulo 99, titulado *El doblón*. En ese, Ismael, describe a la onza quiteña en estos términos: “...Ahora, este doblón era del más puro oro virgen, arrancado en algún sitio del corazón de montes ubérrimos, de los que, a este y oeste, fluyen las fuentes de más de un Pactolo⁵. Y aunque clavado ahora entre todas las herrumbres de los pernos de hierro y el verde gris de las chavetas de cobre, sin embargo, intocable e inmaculado para cualquier impureza, aún conservaba su fulgor de Quito.⁶ [...] Ahora, esas nobles monedas de oro de Sudamérica son como medallas del sol y muestras del trópico. En ellas se acuñan, en lujuriente profusión, palmeras, alpacas, volcanes, discos del sol, estrellas, eclípticas⁷, cuernos de la abundancia y ricas

banderas ondeantes⁸; de modo que el precioso oro parece casi obtener más valor y realzar gloria al pasar por esas fantásticas Casas de Moneda tan hispánicamente poéticas. Ocurrió, por cierto, que el doblón del Pequod era un ejemplo riquísimo de esas cosas. En su canto redondo llevaba las letras: REPÚBLICA DEL ECUADOR: QUITO. De modo que esa brillante moneda procedía de un país situado en el centro del mundo, bajo el gran ecuador, y con su nombre; y se había acuñado a media altura de los Andes, en el inalterado clima que no conoce otoño. Rodeada por esas letras, se veía la imagen de tres cimas andinas; de una salía una llama; una torre, de otra; de la tercera un gallo cantando; mientras que, en arco sobre ellas, había un segmento del zodiaco en compartimientos con todos los signos marcados con su cabalística habitual, y el sol, como clave del arco, entrando en el punto equinoccial en Libra...”⁹

⁵ Dice la leyenda que Sileno, el tutor de Dioniso, fue conducido borracho por unos campesinos a presencia de Midas. Este lo reconoció y lo atendió con prodigalidad. Dioniso quiso recompensar a Midas por su generosidad y le pidió que expresara un deseo; Midas pidió convertir en oro todo lo que tocara. Al principio estaba entusiasmado con los resultados, pero en seguida se horrorizó y suplicó al dios que le retirara este poder, puesto que incluso lo que cogía para comer y beber también se transformaba en oro. Dioniso le ordenó que fuera a lavarse en las aguas del río Pactolo y, a partir de ese momento, el río arrastraba pepitas de oro. En <https://www.um.es/cepoat/radio/tag/rio-pactolo/13082019> “La Leyenda del Rey Midas”.

⁶ Una vez constituido el Estado del Ecuador en la Constituyente de 1830, su primer presidente el general Juan José Flores, en sus primeros decretos, dispuso el establecimiento de la Casa de Moneda en Quito, la dicha ceca, se crea en 1832 y se cierra en 1863, de allí que la marca de la ceca para el doblón de a ocho quiteño, sea “QUITO”.

⁷La onza quiteña, muestra en su elipse, signos zodiacales relacionados con la posición del ecuador, como línea divisoria del mundo en dos, también hará alusión histórica a los meses que determinaron la caída de uno de los corruptos gobiernos de la República del Ecuador, el del General venezolano Juan José Flores.

La descripción que hace Melville en relación a los tres cerros, que los narra cómo *cimas andinas* dista de la detallada en el decreto de amonedación de la onza quiteña de 1838. La interpretación sustentada en el físico es la visualización de los cerros vistos desde la loma de San Juan, la cual en el siglo XIX era conocida como “*Buenos Aires Alto*”, desde allí mirando hacia el sur, se divisa, al costado izquierdo al “*Panecillo*”, sobre el cual está la representación de una torre de piedra, que representa a la edificación española ubicada en el dicho cerro y que albergaba al “*Batallón Aragonés*”, desde el cual en la Batalla de Pichincha (24 de mayo de 1822), se disparaba a las huestes libertarias ubicadas en las faldas del referido volcán. En la actualidad aún existen evidencias físicas del fortín; en

⁸ Toda esta simbología, refiere a la riqueza, prosperidad, abundancia, el ideario del Neoclasicismo y de la Iluminación, los modelos gráficos que dignifican los conceptos de libertad establecidos en el pensamiento que propulsó la Revolución Francesa.

⁹ *Ibíd.*, 3

efecto para la línea del tiempo de la acuñación del doblón de a 8 quiteño era muy evidente la construcción y quizá la única allí ubicada. Sobre el fortín está un ave con las alas desplegadas muy similar a la otra ave ubicada en el segundo cerro, llamado “Unguí” finalmente el tercer

Museo Alberto Mena Caamaño Centro Cultural Metropolitano

En la película de origen estadounidense elaborada a mediados del siglo XX y protagonizada por Gregory Peck, al inicio se aprecia una dramática representación de olas de mar entre dos cerros, e incluso cuando Ahab, hablaba a los marinos en una taberna y relataba las circunstancias por las cuales perdió su pierna, refería que en el medio del “tridente del demonio”, es decir en medio de los tres cerros, estaba la guarida del leviatán, del demonio personalizado en Moby Dick, he aquí otra alusión a la moneda quiteña.

No se trata de una llama o flama sobre el fortín, es un ave, la otra representación ornitológica, no es un gallo, también es un ave que incluso son de similares características, ambas tratan de la gráfica del “cóndor” ave de tamaño importante muy común en las estribaciones de la cordillera de los Andes.

La prosa continúa, y el resto del capítulo, Melville pone en boca de los tripulantes del Pequod, las sensaciones que transmite la moneda a cada uno de ellos. Desfilan así frente a la divisa de oro, el propio Ahab, el primer oficial Starbuck, el segundo oficial Stubb, el tercer oficial Flask, el arponero Queequeg, el pequeño Pip, entre otros marinos, cada uno entre maravillados y estupefactos por el brillo y tamaño de esa moneda que, en sus codiciosos pensamientos, los hará soñar con una vida sin privaciones, con los lujos que sólo el oro puede prodigar.

La moneda responde como se anotó anteriormente al sistema monetario en vigencia a mediados del siglo XIX en

cerro es el volcán Pichincha en erupción, su representación que, a más de ser muy evidente en la orografía del valle de Quito, tiene que ver con el largo historial de erupciones, las cuales más de una vez afectaron a la ciudad.

Ecuador, su morfología se ciñe al decreto expedido por el Presidente Vicente Rocafuerte (1835-1839) por el cual la Casa de Moneda de Quito, elabora las onzas y medias onzas quiteñas acuñadas desde 1838 a 1843, el decreto expedido el 14 de julio de 1836 dice así:

“Art. 1: Desde la fecha de este decreto, se sellarán en la casa de la moneda de esta capital doblones de a ocho y medias onzas de oro, con el tipo siguiente: En el anverso tendrá en todo el plano de enfrente una alineación correspondiente al sol sobre el zodiaco o elíptica, perpendicular a la línea equinoccial, indicando el Ecuador. Sobre el sol y a una distancia proporcionada, se manifestarán siete estrellas que indican las siete provincias que forman la República: Quito, Chimborazo, Imbabura, Guayaquil, Manabí, Cuenca y Loja, a la derecha estarán los dos cerros principales que hacen el nudo de la Cordillera de Pichincha, en el primer punto el Guagua Pichincha sobre el cual reposará un Cóndor, y en el segundo el Ruco Pichincha, volcán, a la izquierda del escudo se grabará un risco, sobre él una torre, y sobre esta se colocará otro Cóndor que haga frente al que está sobre el cerro de la derecha, la inscripción será: REPUBLICA DEL ECUADOR - QUITO- colocado perpendicularmente bajo el sol, y a la derecha de Quito las letras iniciales del ensayador. En el reverso, el busto de la libertad que llene el plano, cuya cabeza estará ceñida de una cinta con la inscripción: LIBERTAD. En la circunferencia llevará esta otra: EL PODER EN LA CONSTITUCION, debajo del busto se fijará el año de la

emisión con el número de quilates a su izquierda, en esta forma: 21 Qs. y a la derecha del milésimo el valor de la media onza indicando con el número y la letra siguiente: 4E, que son cuatro escudos. La grafila y el cordón lo mismo que en los escudos y doblones de a cuatro formando con cccc entrelazados que forman unas conchitas...”¹⁰

Los signos zodiacales, aportan con un concepto político, en el decreto de creación de las onzas no expresa su significado, Ismael, solo cita al signo de Libra. Sin embargo, son fácilmente identificables, se tratan de Leo, Virgo, Libra y Escorpio y están relacionados con un hecho histórico, la “Revolución de Octubre” de 1820, partiendo del análisis de las fechas de inicio hasta el 9 de octubre. En julio de aquel año, llegan tres oficiales del Batallón Numancia: Miguel Letamendi, León Febres Cordero y Luis Urdaneta. Entonces los signos de Leo, Virgo, Libra y Escorpión se relacionan con la Revolución de Octubre, desde las conspiraciones iniciales por parte de los patriotas guayaquileños, su reforzamiento con los oficiales del Numancia, su consumación el día 9 de octubre y el establecimiento de la Junta de Gobierno. En ese sentido, la moneda evidencia el proceso de construcción del escudo de armas patrio, en el que se tomó en cuenta las características geográficas tanto de la sierra por los cerros que representan la cordillera andina y sobre todo los accidentes geográficos del valle de Quito, y el evento de gloria ocurrido en la región Costa, el 9 de octubre de 1820, “...que fue el inicio de la liberación efectiva del futuro Ecuador...”¹¹



2 castellanos 1497-1504 Portal Fuenterrebollo
Ceca de Toledo



2 escudos Felipe II Portal Fuenterrebollo

La prosa de Melville muy certera identifica también la denominación, que como se expuso líneas atrás, era una divisa de alto poder de conversión; indistintamente durante la etapa colonial, se llamaba “doblón” a las monedas acuñadas en oro partiendo desde la moneda de a 2 escudos, la de a 1, sencillamente era el “escudo”, y fueron de curso legal tanto en la Metrópoli como en sus Provincias de Ultramar entre los siglos XVI hasta el XIX; pero el término onza deviene de la significación y valor de la “onza castellana” y su peso ponderal en una onza de oro. Tiene su origen en la moneda de “2 castellanos o doblas”, ordenadas a acuñar por los Reyes Católicos (1469-1504) en 1497, en 1566 en tiempos de Felipe II (1556-1598)¹², pasan a denominarse “doblas ó doblón a la moneda de 2 escudos”¹³. Sin embargo, los doblones más famosos son los denominados doblones de a 8, acuñados a partir del reinado de Felipe III (1598- 1621) en España, y de Carlos II (1665-1700) en América, llamados así por su valor de 8 escudos; fue, durante dos siglos, una de las monedas de mayor aceptación y valor en el mundo.

¹⁰ Primer Registro Auténtico Nacional No. 27 / 1836/ Hemeroteca Centro de Investigación y Cultural. Banco Central del Ecuador C.I.C.

¹¹ Estrada Guzmán, Eduardo, “La Bandera del iris, 1801-2007: el tricolor de la República del Ecuador, 1830-2007”, (Guayaquil: Academia Nacional de Historia, Talls. Gráfs. Archivo Histórico del Guayas, 2007)

¹² Cayón Juan, Castán Carlos, “Las Monedas Españolas desde Don Pelayo (718) a Juan Carlos (1980”, (Madrid: Artegraf, 1979)

¹³ Burzio, Humberto F.: “Diccionario de la Moneda Hispanoamericana”. Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina, (Santiago de Chile: Peuser, Buenos Aires, 1958, Tomo I, Pág. 147, vocablo: DOBLÓN)

Ceca de Sevilla Reyes Católicos



8 Escudos/1699/Carlos II/ Ceca de Lima/Onza Perulera

Melville, utiliza en repetidas veces el término “doblón” y también “onza” para referirse a la moneda quiteña, especialmente en el capítulo XXXVI, al momento de clavarla en el palo mayor, allí, Ahab la llama “onza” en dos oportunidades. En cuanto a su valor, que Ahab y los marineros comentan es de a 16 dólares, esto se explica en virtud de lo dispuesto por la “Ley de Monedas de 1792” la primera ley monetaria de los Estados Unidos, en la cual se estableció la equivalencia de la moneda de curso legal y forzoso en los Estados de la Federación llamada como tal “dólar” en similar equivalencia en lei y fino que el real de a 8 español acuñado en plata, también llamado “peso” cuyo término en Inglés es “*Spanish milled dollar*”; en la conversión del escudo o unidad mínima del oro es igual a 2 pesos ó 2 monedas de real de a 8 ó 16 reales ó 16 dólares. Si a esa conversión se la traslada al doblón de a 8 u 8 escudos, resulta que una onza equivale a 144 reales o 18 monedas de real de a 8; he allí el alto valor de la moneda de oro.

Pero las referencias a especies monetarias de esa época no quedan solamente en la onza quiteña, sin embargo, de ser parte sustancial del libro, el segundo oficial, Stubb también mencionará lo siguiente: “...*He visto doblones otras veces en mis viajes: los doblones de la vieja España, los doblones de Chile, los doblones de Bolivia, los doblones de Popayán... y también infinitos moidores y pistolas de oro y reales y medios reales y cuartos de*

reales. ¿Qué tendrá, pues, este doblón del Ecuador, que lo hace tan milagroso? (...) Lo leeré también yo. ¡Vaya! ¡Aquí sí que hay signos y maravillas! (...). Signos y maravillas, y el sol siempre está dentro de ellos (...). ¡Triste cosa si no hay nada de maravilloso en los signos o nada de significativo en las maravillas!...”¹⁴

© <http://www.egb.fr>8 escudos/ 1835/ Casa de la Moneda de Cuzco
REPUBLICA DEL PERÚ
Onza Perulera© <http://www.egb.fr>8 escudos /1835 /Casa de la Moneda de Popayán
REPUBLICA DE COLOMBIA
Onza Payense8 escudos /1836/Casa de la Moneda de Potosí
REPUBLICA BOLIVIANA
Onza Potosina¹⁴ *Ibíd.*, 3, p 873



8 escudos/ 1833/ Casa de la Moneda de Santiago
ESTADO DE CHILE
Onza Chilena

Indudablemente, la cita expone a los doblones de a 8, en circulación en esa época, en la cual la pervivencia de la moneda española aún estaba vigente sobre todo por su enorme importancia en el modelo económico decimonónico, las otras unidades monetarias estarán cargadas de rico simbolismo identitario y si tomamos en cuenta su origen, vemos que es el derrotero de los barcos balleneros, en el Pacífico: Colombia con los doblones de a 8 payenses, Perú con sus onzas peruleras, el alto Perú, hoy Bolivia con sus doblones de a 8 en los cuales si está grabado una “llama” es decir un camélido y Chile con su correspondiente alegoría, todas estas unidades monetarias con excepción de la española, fueron acuñadas de acuerdo a la

línea del tiempo de la novela, en el período de formación de los estados libres de cada contexto citado, de allí que su simbología será totalmente diferente a la moneda metropolitana, cuyo modelo es repetitivo, es decir el busto del rey con peluca, rodeado con los caracteres literarios del nombre del soberano y por el otro lado de la moneda, el Escudo del Imperio Español acompañado del Collar de la Orden del Toisón de oro, alrededor, textos en latín relacionados con el *Eclesiastés*.

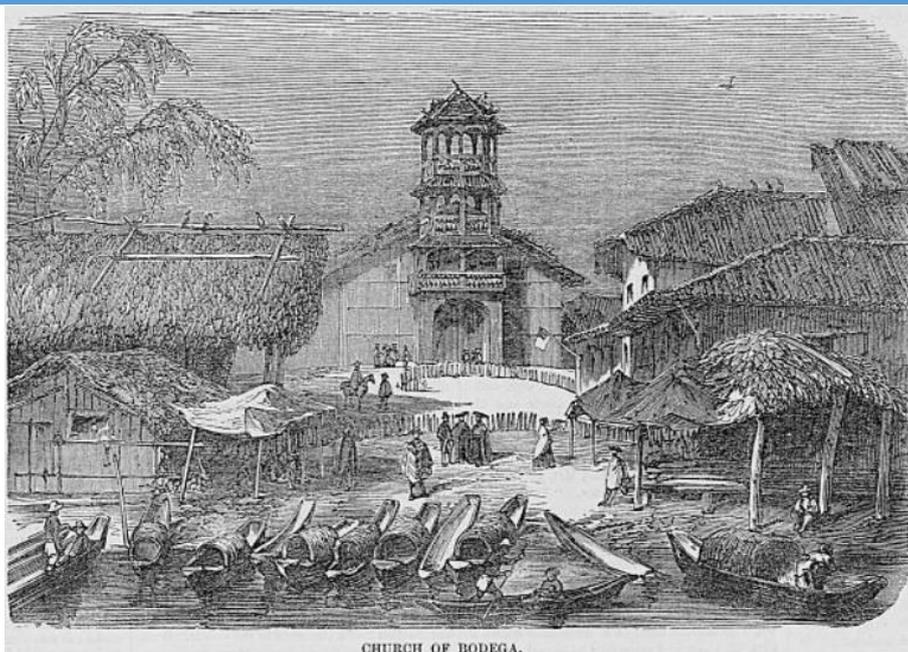
La rica simbología a más de detallar la ubicación de Quito, especifica que la dicha ciudad está muy cerca de la mitad del mundo es decir del “ecuador” línea imaginaria que incluso es el nombre de la República que amoneda la onza quiteña, y lo hace colocando el sol al medio día, con rostro antropomorfo, los signos del zodiaco relacionados con los correspondientes meses desde finales de julio a octubre, que coinciden con dos hechos uno histórico y otro natural; el histórico el proceso de construcción de la Revolución de Octubre, expuesto líneas atrás cuando la Provincia de Guayaquil declaró independencia en 1820, y el otro con la etapa de migración de los cetáceos y su derrotero por los mares de Ecuador.

La novela y su relación con el contexto geográfico de la República de Ecuador

En el siglo XIX la captura de ballenas fue una empresa muy productiva, quienes manejaron ese medio de producción que finalmente erogaba importantes réditos, conocían respecto de las costumbres y derroteros de estos enormes cetáceos, siendo uno de las más importantes del mundo de occidente las costas del Pacífico y de hecho las ribereñas del actual Ecuador; de allí que Melville como conocedor de este tema a sociedad pues fue partícipe de ellos,

relaciona y describe las aguas ecuatorianas en varios eventos, como un “...eje narrativo deliberado, preciso y determinante...”¹⁵

¹⁵ Marchán, Romero Jaime, Discurso de incorporación Academia Ecuatoriana de la Lengua, “*El Ecuador y Moby Dick*”, (Quito: octubre 2011). Casa de la Cultura Ecuatoriana.



CHURCH OF BODEGA.

Bodegas/ Actual Babahoyo/Grabado
 Autor: Anónimo /Siglo XIX
 Archivo Histórico
 Biblioteca Municipal de Guayaquil

Esta afirmación planteada por Marchán Romero (2011), es posible demostrar mediante la cita de varias referencias en el orden que se desarrolla la novela. La primera se da en los episodios relacionados con los preparativos y el inicio de la trayectoria de la nave; Ismael, narrador de la historia, cuenta, en preciso lenguaje literario:

*“...el Pequod, dejando atrás los hielos y témpanos, siguió avanzando hacia la luminosa primavera de Quito que reina en el mar casi perpetuamente, en los umbrales del eterno agosto del trópico...”*¹⁶

La referencia a la onza quiteña, la expone Ahab, cuando durante el viaje y por primera vez abandona su camarote, convoca a la tripulación a cubierta y levanta hacia el cielo una resplandeciente

moneda de oro, grita a boca en jarro a los marineros que como recompensa al que primero aviste a la ballena blanca, regalará la dicha reluciente moneda y lo hace en estos términos:

“...Todos ustedes, vigías –dice en voz alta–, me han oído dar órdenes acerca de una ballena blanca (...). ¡Aquel de ustedes que me anuncie una ballena de cabeza blanca, frente rugosa y mandíbula torcida (...) recibirá esta onza de oro, muchachos! (...)”. *“...Restregaba lentamente la moneda de oro contra los faldones de su abrigo, como para aumentar su brillo, y cantaba quedamente para sí, sin palabras, produciendo un sonido tan extrañamente sofocado e inarticulado que parecía el chirrido maquinal de las ruedas de la vitalidad oculta en su interior...”*¹⁷

¹⁶ *Ibíd.*, 3, cap XXIX

¹⁷ *Ibíd.*, 3



Galápagos las Islas Encantadas /Grabado
Siglo XIX /Gráfica Novela Las Encantadas
Autor Herman Melville

Líneas después, Ismael expone lo siguiente: “...el *Pequod* había zarpado desde Nantucet al iniciarse la Estación del Ecuador...”¹⁸. La explicación es que el barco ballenero, parte hacia el rumbo que los cetáceos toman desde finales de julio a noviembre, y es en el Pacífico por las costas de Colombia, Ecuador, Perú y Chile, aprovechan la Corriente fría de Humboldt, lo hacen en esa época para reproducirse, se sirven sobre todo de las frías aguas de esa época. Curiosamente los meses susodichos, incluso guardan relación con los signos zodiacales ubicados en la elipse (Leo, Virgo, Libra y Escorpión) y debajo del sol al medio día grabados en la onza quiteña. “...Porque en ese lugar y en ese tiempo – nos aclara–, durante varios años consecutivos [*Ahab*] había visto a *Moby Dick* detenerse periódicamente, así como el sol, en su revolución anual, se detiene durante un intervalo ya calculado en cada uno de los signos del Zodíaco. Allí, por otra parte, habían ocurrido casi todos los encuentros mortales con la *Ballena Blanca*; allí las olas contenían la

historia de sus hazañas; allí estaba el trágico lugar donde el viejo monomaniaco había encontrado el territorio móvil de su venganza(...)”¹⁹.

Las costas de Ecuador, concretamente en la Provincia de Manabí, la Isla de la Plata, frente a Puerto López, de allí hacia el sur, es decir al Perú y Chile es el escenario de los encuentros entre *Ahad* y *Moby Dick*. El texto del libro es extenso y rico en detalles relacionados con procedimientos marinos del siglo XIX, incluso la terminología es bastante compleja y completa, éstos relatos se intercalan con otros incidentes menores. Pero como el objeto lírico es la ballena y todo lo relacionado con el cetáceo, Ismael, nuevamente refiere al derrotero: “...el circunnavegante *Pequod* recorría todas las zonas de caza balleneras del mundo, antes de bajar hacia el Ecuador, en el Pacífico. Allí, aunque su busca no hubiere dado resultado en otras partes, *Ahab* pensaba que presentaría batalla a *Moby Dick*, en el mar más frecuentado por el monstruo, según se sabía, y en una

¹⁸ *Ibíd.*, 3

¹⁹ *Ibíd.*, 3

*estación durante la cual era razonable alimentar la esperanza de encontrarlo...*²⁰.

Las ballenas recorren algo más de 7000 kilómetros desde las frías aguas de la Antártida hacia el sur para reproducirse, y como se anotó anteriormente, aprovechan las frías aguas de la Corriente de Humboldt, es así que en las costas de Ecuador incluso se aparean y alimentan. Ismael hace relación a esta realidad natural; y dice así:

*“...se las encuentra en el Ecuador, a tiempo para la temporada de la alimentación, quizá recién llegadas de los mares del norte, donde han ido para huir del estío y el desagradable calor del verano. Y cuando se han paseado durante un tiempo por la zona del Ecuador, zarpan hacia las aguas orientales, ante la inminencia de la estación fresca que empezará allí; de ese modo evitan durante todo el año las temporadas excesivas...”*²¹

Ahab intuye, desde el inicio mismo de la acción, que Moby Dick reaparecerá en aguas ecuatorianas. Son días y días de navegar. Ismael en medio de la rutina y el hastío relata lo que ocurría con la tripulación: *“...se les ha hinchado las muñecas a fuerza de remar el día entero sobre la línea del Ecuador...”*²².

Mientras la tripulación se mantiene escéptica sobre el paradero de Moby Dick y juzga al capitán como un loco delirante, éste ha venido siguiendo en los trazos de su mapa y en las señales del mar la ruta de su ballena. Sabe que sus cálculos y mediciones son correctos. Durante el trayecto, al encontrarse con el ballenero inglés “Samuel Enderby”, tiene la oportunidad de constatar esos datos. Para su dicha, el capitán de la otra embarcación le confirma haber avistado a la gran ballena, *“...allá, en el Ecuador, la*

*estación pasada...”*²³ Y precisa: *“...Algún tiempo después, cuando volvimos hacia el Ecuador, oímos hablar de Moby Dick, como la llaman, y entonces comprendí que era ella...”*²⁴

Este diálogo de borda a borda entre ambos capitanes devuelve a los marineros del Pequod la esperanza de encontrar a la Ballena Blanca y poder hacerse –al menos uno de ellos– con la recompensa prometida, el doblón de a 8 quiteño. La tripulación se prepara y, entre otras medidas, se impone la veda de cerveza, es decir la prohibición de beber cerveza, las razones para la dicha limitación se hallan en las siguientes líneas de la novela: *“...en el Ecuador, en nuestra pesca austral –explica Ismael–, la cerveza serviría para hacer dormir a los arponeros en las cofas y nublarles la cabeza en los botes, con las consiguientes pérdidas dolorosas...”*²⁵

Pese a la complejidad y extensión del corpus narrativo, que fluye y refluye como las ondas del mar a lo largo de un texto de cerca de ochocientas páginas, el objeto lírico central de la novela –la caza de la ballena en aguas ecuatorianas– no nos abandona. Así, aproximándonos cada vez más al escenario del drama, el narrador, es decir Ismael dice: *“...Por fin se acercaba la temporada de caza en el Ecuador: todos los días, cuando Ahab alzaba los ojos al salir de la cabina, el timonel vigilante asía la barra y los marineros ansiosos corrían ansiosos hacia las vergas y allí se detenían, con los ojos fijos en el doblón clavado, esperando con impaciencia la orden de poner proa hacia el Ecuador. La orden llegó en su momento. Era casi mediodía y Ahab, sentado en la proa de su bote izado, hacía la observación cotidiana del sol para determinar la latitud...”*²⁶

²⁰ *Ibíd.*, 3

²¹ *Ibíd.*, 3

²² *Ibíd.*, 3

²³ *Ibíd.*, 3

²⁴ *Ibíd.*, 3

²⁵ *Ibíd.*, 3

²⁶ *Ibíd.*, 3

Doscientas páginas más adelante, luego de narrarnos una serie de vicisitudes de tan larga travesía, Ismael nos recuerda nuevamente que: “...con su avance determinado tan sólo por la barquilla y la línea de Ahab, el Pequod seguía rumbo hacia el Ecuador, hasta acercarse a los bordes de la zona de caza ecuatorial...”²⁷

Las posteriores escenas que anteceden al encuentro entre el capitán Ahab con Moby Dick están llenas de tensión y presagio. El capitán ha aguzado la mirada; su mente no piensa más que en el enfrentamiento con la bestia, a la que presiente cada vez más cerca. “...En la línea del horizonte –nos alerta Ismael–, un movimiento blando y trémulo, que se ve especialmente en el Ecuador, revelaba su fe apasionada y palpitante...”²⁸

Finalmente, Ahab, el hombre vengativo y ofuscado, por el mal que cree le prodigó el cetáceo, cobra la pérdida de su pierna y matará a Moby Dick. La novela puede decirse que es un homenaje y canto lírico a la supervivencia de tan nobles mamíferos marinos; Melville vuelve a hacer referencia a nuestro mar y a ese merecido cumplimiento: “...La eterna ballena –dice– sobreviviría y elevándose en la cresta más alta de la ola ecuatorial, arrojaría su espumoso desafío a los cielos...”²⁹

La última escena en que se escucha la voz del capitán Ahab, que, de acuerdo a la secuencia de la novela, ocurre en aguas ecuatorianas es dramática y estremecedora: “... ¡Me precipito hacia ti, ballena, que todo lo destruyes sin vencer!... Lucho contigo hasta el último instante; desde el

*centro del infierno te atravieso; en nombre del odio, vomito mi último aliento sobre ti. ¡Húndanse todos los ataúdes, todas las carrozas fúnebres en un foso común! (...) ¡Quiero ser remolcado en pedazos para seguir persiguiéndote, atado a tu cuerpo, maldita ballena! ¡Así entrego mi lanza! (...). Entonces volaron pájaros pequeños, chillando sobre el abismo aún abierto; una tétrica rompiente ola blanca golpeó contra sus bordes escarpados. Después, todo se desplomó y el sudario del mar volvió a extenderse como desde hacía cinco mil años...”*³⁰.

El análisis literario permite exponer que las múltiples referencias al Ecuador en la novela no solamente son geográficas por la línea del Ecuador o equinoccio o toponímicas porque se refiere a la República del sol del mediodía, sino que Melville, las utiliza también como metáforas, alegorías, símbolos, comparaciones y en algunos casos, como hipérbolos poderosas, exageraciones literarias. Sobre la base de esta explicación, el carpintero también llamado alarife, al aludir a la cojera del capitán Ahab, dice lo siguiente: “...He oído decir que la isla de Albermarle (Isla Isabela), en las Galápagos, está cortada justo en medio por el Ecuador. Se me ocurre que una especie de Ecuador corta por el medio a ese viejo. ¡Siempre está en el Ecuador! ...”³¹

²⁷ *Ibíd.*, 3

²⁸ *Ibíd.*, 3

²⁹ *Ibíd.*, 3

³⁰ *Ibíd.*, 3

³¹ *Ibíd.*, 3



MOBY DICK/ Litografía /Ilustración - Siglo XX

Melville y Manuelita “...si en la vida lo amé de muerto lo venero...”

Herman Melville tenía una especial predilección por el mar y los cetáceos, sus libros así lo dicen, uno ellos *Las Encantadas* escrito en 1854 relaciona al Archipiélago de Colón o Galápagos. El autor desde muy joven a los 19 años inicia varios viajes en barcos cargueros y después en balleneros, entre 1841 a 1844 se embarca en los balleneros *Acushnet* y *el Charles and Henri* que recorren la trayectoria de las ballenas por el Pacífico. Estas experiencias vivenciadas por el autor serán la

inspiración para la novela en ciernes. Melville en el ballenero *Acushnet*, al igual que muchos de estos barcos, llega al puerto peruano de Paita, sitio de aprovisionamiento obligado de agua, aceite de foca y de tortuga; allí se contacta quizá por casualidad o por necesidad o por el destino que infranqueable movió sus engranajes, con la desterrada Manuelita Sáenz, amante y compañera de lucha del Libertador Simón Bolívar.



Manuela Sáenz y Simón Bolívar / Óleo sobre tela
Jorge Alberto Casas Ochoa / Siglo XX
Museo Casa de la Moneda de Bogotá
Banco de la República

En 1823 Manuela Sáenz Aizpuru, quiteña de nacimiento conoce al Libertador en Quito, abandona a su esposo James Thorne, un acaudalado británico, quien en varias ocasiones le increpó su actitud y solicitó su retorno a Quito, toda vez que Manuela sin más reflexión ni moral, ni ética y como coloquialmente se dice “montó al anca del caballo de su amado”, para bien o para mal y fue a vivir con el Libertador a Bogotá hasta 1830 año de su muerte.

Las vivencias de Manuela y el Libertador, fueron azarosas y quizá hasta efímeras, pero llenas de pasión y entrega, más de doña Manuela que del mismo Bolívar, que por su forma de ser resultó que la fidelidad no era una de sus cualidades; en todo el derrotero del proceso de liberación de la metrópoli, Bolívar tenía a su haber un cobijo femenino, de allí que nada raro es encontrar evidencias de aquello en la correspondencia hoy consignadas y compiladas en varios referentes bibliográficos secundarios, uno de ellos de Carlos Álvarez Saa, “*Manuelita sus diarios perdidos y otros papeles*” (Quito: 2008), donde con prolijo apego al rigor científico, se detalla la documentación existente en cartas y relaciones cursadas por la pareja; el Diario de Quito, el de Paita, el de Bucaramanga, éste último es una relación escrita por Perú De Lacroix³², detallan con bello castellano, el amor, la desilusión, la infidelidad, la decepción, la entrega de una pareja que el destino unió en la cama y en el campo de batalla, queda la pregunta, ¿Quién puso más...que incline la balanza? ...quien puso más calor ... ternura y comprensión. En medio de ese juego de

palabras que encierra una relación sentimental, no puede dejarse de lado un hecho que muestra el carácter de Doña Manuela, frente a la infidelidad. En 1835 el oficial de origen francés y antiguo soldado de las fuerzas napoleónicas, quien en 1823 se integró a las huestes libertarias, Luis Perú De la Croix, realiza la corrección del manuscrito original conocido como “Diario de Bucaramanga” cuyo contenido fue escrito en la ciudad de Bucaramanga Colombia, por el referido oficial, en la época en que se desempeñó como Edecán del Libertador Simón Bolívar, es decir entre el 1 de abril hasta el 26 de junio de 1828. Este documento de importante valor biográfico describe aspectos de la vida personal, pensamientos políticos, conceptos ideológicos respecto de la “libertad” y las vivencias personales del Libertador.

Es en esta relación de hechos, que detalla la reacción de Doña Manuela Sáenz de Aizpuru, cuando encuentra debajo de las sábanas de la cama que compartía con el amor de su vida, Don José de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios Ponte y Blanco, el Libertador Simón Bolívar, un arete de “filigrana”; la reacción de celos de Doña Manuela a decir del diario, fue desde la ira incontrolable, hasta el ataque enhiesto que dejará huella tanto física con sendas marcas en la oreja del Libertador, como psicológicas en el recuerdo imborrable del dicho ataque de celos en el que tuvieron incluso que intervenir los Oficiales del Ejército Libertador, testigos del momento. Luego de calmarse, Doña Manuela dejará marcada para siempre la frase que en medio de la ira le dirá al Libertador: “*j... Ninguna, oiga bien esto señor, que para eso tiene oídos: ninguna perra va a volver a dormir con usted en mi cama...!*”³³

³² General Luis Perú De Lacroix, de origen francés, soldado de las huestes de Napoleón. En 1814 emigra a América; en 1823 se une al Ejército Libertador. Acompañó a Bolívar en Bucaramanga en 1828, lo que le permitió generar el conocido “Diario de Bucaramanga”. En Carlos Álvarez Saa, “*Manuelita sus diarios perdidos y otros papeles*” (Quito: 2008)

³³ Álvarez Saa, Carlos, “*Manuela sus diarios perdidos y otros papeles*”, (Quito: Ediciones Museo Manuela Sáenz, quinta edición, 2008)



Manuela Sáenz y Simón Bolívar / Litografía
Ilustración “Cartas de Bolívar y Manuelita”
Siglo XX

Manuela fue una mujer que rompió con los esquemas de su época, no solamente fue la amante del Libertador, fue su protectora, cómplice, su aliada y su mayor defensora, como se demuestra en lo ocurrido en octubre de 1823, a esa fecha el Libertador se encontraba en Lima y es informado de la valiente reacción de Sáenz, cuando extinguió una insurrección en Quito, entonces el Libertador le solicita a Manuela, que se haga cargo de la Secretaría de la Campaña Libertadora y de su archivo personal, incorporándola al Estado Mayor con el grado de “Húsar”, posteriormente por sus acciones de guerra, pues era una mujer de armas tomar, es nombrada Capitana de Húsares en agosto 24 de 1824.

Pero su actividad como verdadera soldado de la Libertad no queda solamente en la cercanía sentimental con el Libertador sino también en el campo de Marte, es decir en los sitios mismo donde se libraban las batallas, es así que en el parte de la Batalla de Ayacucho, en la cual informa el escenario y circunstancias de la dicha confrontación, el Mariscal Antonio José de Sucre en carta al Libertador Simón Bolívar se

refiere en estos términos: “...Pues incorporándose desde el primer momento a la división de Húsares y luego a la de Vencedores; organizando y proporcionando el avituallamiento de las tropas, atendiendo a los heridos, batiéndose a fuego limpio bajo los fuegos enemigos, rescatado a los heridos ...Doña Manuela merece un homenaje en particular por su conducta por lo que ruego a su Excelencia otorgue el Grado de Coronel del Ejército Colombiano...”³⁴

Doña Manuela no era una persona que gozaba de la simpatía de todos los colectivos, fue cuestionada, vilipendiada, adjetivada, incluso por los propios oficiales cercanos a Bolívar; en ese sentido, la participación de la amante del Libertador en los campos de batalla, generaba en la oficialidad entre respeto y cuidado, también prejuicio y cuestionamiento, de allí que Francisco de Paula y Santander en su calidad de Vicepresidente de la República de Colombia, cuestionó el nombramiento, en senda carta dirigida a Simón Bolívar en la que se expresó en estos términos:

³⁴ *Ibíd.*, 33, 32

“...que degrade a su amiga...”³⁵, argumentó que razones personales motivaron tal nominación, y se expresó en estos términos, adjetivando tal proceder: “...oprobio para el glorioso Ejército Colombiano...”³⁶

Es obvio que el Libertador, no consideró declinar la nominación, incluso la justificó, sustentado en el pedido del Mariscal Sucre, que lo hace por oficio y haciéndose eco en que el Batallón de Húsares así lo proclamó. Estas desavenencias internas, minaban la relación en la estructura militar del ejército colombiano e incluso en la misma sociedad de la época, que no miraba con ojos de aprobación la manifiesta relación adúltera, a lo que habría de sumarse la infidelidad del Libertador con su amada Manuela; una y otra situación, abonaron a que se genere conflictos en la pareja, así, en una carta fechada a 1 de mayo de 1825, escrita por Doña Manuela desde Lima al Libertador, y en contestación a otra que le enviara Bolívar, en la cual, le daba a entender en que era mejor separarse, Manuela le contestó en estos términos: “...Dígame usted: ¿quién puede juzgarnos por amor?... Todos confabulan y se unen para impedir que dos seres se amen; pero atados a convencionalismos y llenos de hipocresía ¿...Por qué su excelencia y mi humilde persona no podemos amarnos...? Si hemos encontrado la felicidad hay que atesorarla. Según los auspicios que usted llama moral, ¿debo seguir sacrificándome porque cometí el error de creer que amaría siempre a la persona con quien me casé?”³⁷

Cuan significativa fue esta relación, esta afirmación simplemente se argumenta que la influencia de esta dama quiteña, llegó al punto de sugerirle a Bolívar que, a efectos de perennizar la campaña libertaria, creara la “Nación Bolívar” contexto geográfico ubicado en

el alto Perú, lo que en la Etapa Colonial se conociera como “La Real Audiencia de Charcas” con sede en la ciudad de la Plata, conocida también como Chuquisaca, es decir lo que hoy es el Estado Plurinacional de Bolivia.

Por lo menos existen tres eventos en los cuales la “Tirana” como así la llamaban sus detractores a Doña Manuela, salva la vida al “Longanizo” (mote de Bolívar otorgado por sus enemigos); las envidias, el ansia de poder y los intereses de los grupos sectarios, hacen que Bolívar sufra por lo menos tres atentados contra su vida, el primero ocurre el 29 de julio de 1828 en Bogotá, cuando Manuela descubre y advierte a Bolívar del atentado que en contra de su vida traman Santander, Córdova, Carujo y Serena, el vicepresidente y varios oficiales del Ejército Libertador, incluso Manuela conoció el santo y seña acordado para la confabulación, el atentado debía ocurrir el 1 de agosto en un baile de disfraces organizado en el Teatro del Coliseo de Bogotá, pese a las insistencias de Doña Manuela a que Bolívar no concorra a ese evento, siempre él si asiste; ante lo cual ella se disfraza y arma tal escándalo en la dicha reunión que Bolívar avergonzado se ve obligado a retirarse, así, los complotados no logran su objetivo.

El 7 de agosto del mismo año, Manuela vuelve a insistirle al Libertador sobre el complot organizado por Santander para asesinarle, pero el Libertador tampoco toma en serio esas advertencias, entonces los acontecimientos culminan con la famosa “noche septembrina”, ocurrida el 25 de septiembre de 1828, cuando Manuela nuevamente salva su vida, ganándose el mote de “La Libertadora del Libertador”.

³⁵ *Ibíd.*, 33

³⁶ *Ibíd.*, 33

³⁷ *Ibíd.*, 33, 34



Manuela Sáenz y Simón Bolívar / Litografía
Ilustración "Noche Septembrina"
Siglo XX

También llamada como "*La Conspiración septembrina*", este hecho casi cobra la vida del libertador Simón Bolívar, sucede en Bogotá en pleno ejercicio de su cargo de Presidente de la República de Colombia; cerca de tres docenas de complotados ingresan violentamente y a medianoche al Palacio Presidencial, al mando del comandante Pedro Carujo, asesinan a los guardias que custodiaban el cuarto de Bolívar, quien logró escapar por la ventana, gracias a la ayuda de doña Manuela Sáenz, este evento dio lugar a un juicio donde fue encontrado como autor intelectual su principal opositor, el general Francisco de Paula Santander, quien fue condenado a muerte; pero Bolívar en un acto de magnanimidad le perdonó la vida, con la condición que partiera al destierro³⁸. Pero este hecho que demostró la desunión de los que gestaron el proyecto político de la independencia, dio lugar al posterior fraccionamiento de "Colombia la Grande" conocida también como "La Gran Colombia", la que dos años después desapareciera, como también la relación sentimental entre Manuela Sáenz y Simón Bolívar, que minada por las infidelidades sobre todo del Libertador, las habladurías de la sociedad

³⁸ Liévano Aguirre, Indalecio, "Bolívar" (Madrid: Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983.)

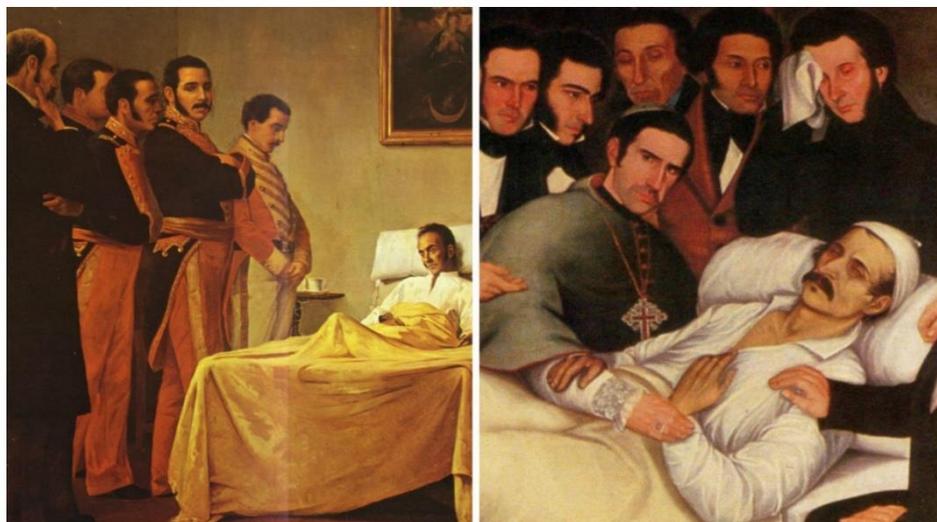
bogotana, la limeña y la quiteña dio lugar a que el 8 de mayo de 1830, la pareja optara por separarse, Bolívar se marcha a Cartagena de Indias para atender su delicado estado de salud, Manuela decide quedarse en Bogotá; el 17 de diciembre de 1830, Bolívar fallece en su quinta de San Pedro Alejandrino, entre la fecha de separación y la de fallecimiento de Bolívar existen algunas cartas escritas por la pareja, en las que el Libertador sobre todo, utiliza un discurso cargado de soledad, nostalgia y añoranza, una de las últimas cartas, fechada en "Turbaco, 2 de octubre de 1830" dice así a su amada: "...donde te halles allí mi alma hallará el olvido de tu presencia aunque lejana. Si no tengo a mi Manuela, ¿no tengo nada! ...En mi sólo hay los despojos de un hombre que sólo se reanimará si tu vienes. Ven para estar juntos. Ven te ruego. Tuyo. Bolívar..."³⁹

La preocupación de Manuela por la salud de su amado fue constante, durante este tiempo mantuvo permanente comunicación con Perú De La Croix, hombre de confianza del Libertador y quien ofreció mantenerla informada de la evolución de su salud, en una de las cartas de De La Croix, informa del delicado estado del Libertador y que se estaría esperando solamente un desenlace

³⁹ *Ibíd.*, 33, 38

fatal, ante lo cual, doña Manuela parte rumbo a San Pedro Alejandrino, pero al llegar al pueblo de “Guaduas” es informada del fallecimiento de su amado, el impacto de la noticia, le llevó a

intentar suicidarse haciéndose picar por una serpiente, pero los lugareños salvan su vida con el uso de medicaciones caseras.



Agonía de Bolívar / Óleo sobre tela
Museo Casa de la Moneda de Bogotá
Banco de la República / Bogotá Colombia

Al fallecer el Libertador la situación económica, social e incluso política cambia de forma importante para Doña Manuela, quien aún permanecía en Bogotá, queda desamparada y a merced de sus detractores, las condecoraciones y los grados militares obtenidos durante la campaña independentista le fueron despojadas con la consecuente eliminación de su pensión vitalicia y obró también su expulsión de Colombia; a cuestras con el dolor de la ausencia y el deshonor de las habladurías, se traslada a Jamaica, sumida en la pobreza se ve en la necesidad de realizar trabajos humildes para ganarse el sustento, como su situación no mejora decide regresar a Ecuador, sobre todo para arreglar unos cobros pendientes y hacerse cargo de la hacienda “Catahuango” propiedad de su familia, pero nunca logró llegar a Quito; en el derrotero hacia Quito, que inició en Jamaica, luego a Guayaquil y por el río Babahoyo hasta la población de Bodegas para continuar por el camino de herradura que enfila hacia Guaranda, el Presidente Vicente Rocafuerte ordena su

detención, se le quita el pasaporte y se la expulsa “desterrada” al Perú, concretamente al puerto de Paita. En 1847 muere su esposo, pero por el rechazo que generó en Quito en aquellos años la imagen de Manuelita, por dejar el hogar e ir con el Libertador abandonando a su esposo, no recibió la dote que le correspondía como viuda, como tampoco la herencia de su padre que llegaba a los 8 000 pesos.

Acompañada de sus dos esclavas afrodescendientes, la insigne desterrada no era sino una habitante más; para sobrevivir se dedica a la preparación y venta de confites, cigarros de envolver, tejidos en crochet, tramitaciones aduaneras y sobre todo traducciones a los tripulantes de las decenas de embarcaciones balleneras de bandera de la Unión de Estados Americanos. Doña Manuela fue una mujer que, a pesar de su austera situación, llamaba la atención de propios y extraños en el puerto de Paita, constantemente recibía la visita de personajes ilustres, como Simón Rodríguez, José Garibaldi, Ricardo

Palma; sus vivencias con el Libertador, la fama de haber sido su amante y quien la salvara del atentado que casi le cuesta la vida, además de su aporte al proceso de construcción de independencia en las gestas libertarias, le dieron una merecida fama; Manuela tenía un especial acercamiento político con el primer presidente de Ecuador, el general venezolano Juan José Flores que luego fuera detractor de Vicente Rocafuerte, lo que dio lugar a que, por medio de Flores, Sáenz conociera de temas políticos hasta casi mediados del siglo XIX. En ese sentido, los opositores de Rocafuerte entre esos Gabriel García Moreno y cuantos políticos que no fueron muchos que llegaron desterrados a Paita, Manuela los acogió sea ayudándoles a encontrar vivienda o dándoles asilo por unos días; de eso vivía, hasta que en noviembre de 1856 el Puerto de Paita es afectado por una plaga de difteria, posiblemente propagada por uno de los tantos marinos que arribaran al puerto en los varios barcos balleneros y mercantes que arrojaran anclas ya por agua, provisiones o descanso, más de las tres cuartas partes de la población de Paita es afectada, el 23 de noviembre de 1853, Manuela fallece, junto con sus esclavas afrodescendientes. Los protocolos de la época, así como la cantidad de gente que falleció por la plaga, determinaron que sean sepultados en una fosa común en el cementerio local

y sus propiedades se incineren para evitar la propagación de la enfermedad, en medio del fuego que abrazó la casa de Sáenz, un general de apellido “De la Guerra” (Álvarez, Saa, 42) logra rescatar un horcón con las cartas y manuscritos de Doña Manuela.

Pero en donde encaja Melville en esta relación mezcla de sentimientos, nostalgias y vivencias políticas de aquella época, es el hecho de que al igual que varios visitantes curiosos por conocer a tan insigne personaje, llega a Paita por la coyuntura de los barcos balleneros cuyo derrotero de provisión de viandas, ya que era puerto de ancla segura. Es así que, como Melville no hablaba un ápice de castellano, el tener contacto y diálogo diáfano con Sáenz no se hizo difícil, su verbo ligero, la sabiduría y riqueza de vivencias de la ilustre quiteña cautivaron al joven novelista, los dos compartieron varias tardes de tertulia, mezcla de nostalgia, discurso político vivencial y varios temas como analizar, desde el punto de vista histórico y simbólico la unidad monetaria de mayor poder adquisitivo de la época, la onza quiteña, moneda de uso común en la estructura económica decimonónica, mágica y enigmática moneda. Esta es la onza quiteña que cautivó a Melville al grado de convertirla en parte sustancial de su emblemática novela “Moby Dick”.



Puerto de Paita

Grabado de M. Vaillant trazado durante la expedición francesa que viajaba alrededor del mundo a bordo del barco La Bonité (1836-1837).
/ Voyage autour du monde. /Biblioteca Nacional del Perú

Conclusiones

La novela se publica a finales de 1851 por la Editora Richard Bentley de Nueva York, pero recién a partir de la tercera década del siglo XX es que las letras del mundo de occidente le dan el valor literario que se merece. El trascendentalismo, corriente literaria de la época juega un papel importante en el desarrollo de la obra, así Ahad simboliza la obsesión, dispuesta incluso a sacrificar los intereses humanos por esa pasión, en ese sentido, la prosa que genera Herman Melville enriquece en cada capítulo las alegorías y detalles puestos en el papel de un gran conocedor del mar, quien de forma magnífica detalla la vida de los marinos y los pormenores de la caza de ballenas. Amén de citar la carga simbólica de los textos, el autor ve en el cetáceo "la encarnación de todos los males", sin embargo, la sed de venganza

acaba nublando el entendimiento de Ahad, lo que le hace responsable de la muerte de sí mismo y de sus hombres, convirtiéndose así el mismo capitán en agente generador del mal.

Existen varias referencias bíblicas en la simbología de la prosa, una de ellas es la relación que hace entre el demonio o Leviatán y el cetáceo, entre el tridente del demonio y los tres cerros de la onza quiteña, entre las olas del mar y la base de los cerros donde dice Ahad es la guarida del demonio; si a esto se le agrega que el *Pequod* por la variedad étnica de la tripulación representa a la humanidad, se puede concluir que el autor buscó mostrar al mundo de la época en su búsqueda del ideario de valores morales, pero sin libre albedrío, ya que la frágil embarcación sucumbe por la necedad de un individuo obsesionado por la venganza.



Escenas Película “Moby Dick” 1956/ director John Huston
Actor principal: Gregory Peck

La obra está inspirada en el caso real de un ballenero de nombre “Essex” originario de Massachussets, que fue atacado por una enorme ballena, hecho al que se adiciona un relato publicado en 1839 por la revista “Knickerbocker” en la cual se narra la historia de un cachalote blanco al que los marineros de la isla chilena de Mocha llamaban Mocha Dick, la cual por decenas de años fue el terror de arponeros y marineros que perdieron la vida tratando de cazarla.

Dentro del simbolismo y del trascendentalismo utilizados por Melville, se establece una de las justificaciones para dedicar a la onza quiteña un capítulo de la novela y sus analogías constantes, pero esa relación no es casual, y allí es que juega un papel importante los procesos sincrónicos y

diacrónicos que dan lugar al encuentro entre el novelista y la ilustre quiteña, Doña Manuela Sáenz de Aizpuru, venida a menos por las circunstancias históricas del exilio, entonces Moby Dick relaciona las vivencias de la sociedad del siglo XIX, el modelo económico en vigencia, la moneda dura e insigne de esa línea del tiempo y ahora en pleno siglo XXI sobre la base de los hechos históricos analizados, el aporte de una mujer tan alabada como vilipendiada al proceso de reconocimiento no solamente de un país que lleva el nombre de una línea imaginaria, sino también de la razón del significado de un rico e identitario simbolismo que es parte del patrimonio cultural ecuatoriano, es decir su onza quiteña.



Bibliografía

- Álvarez Saa, Carlos, *Manuela sus diarios perdidos y otros papeles*. Quito: Ediciones Museo Manuela Sáenz, quinta edición, 2008.
- Barach, Rachel (General Manager). Job. *Biblegateway*.
<https://www.biblegateway.com/verse/es/Job%201%3A16>. Acesado en 12/08/2019.
- Burzio, Humberto F.: “*Diccionario de la Moneda Hispanoamericana*”. Santiago de Chile: Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina, 1956: p 147
- Cayón Juan, Castán Carlos, “*Las Monedas Españolas desde Don Pelayo (718) a Juan Carlos (1980)*”. Madrid: Artegraf, 1979.
- Estrada Guzmán, Eduardo, “*La Bandera del arco iris, 1801-2007: el tricolor de la República del Ecuador, 1830- 2007*”. Guayaquil: Academia Nacional de Historia, Talls. Gráfs. Archivo Histórico del Guayas, 2007.
- Liévano Aguirre, Indalecio, “*Bolívar*”, (Madrid: Cultura Hispánica. Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983)
- Marchán, Romero Jaime, Discurso de incorporación Academia Ecuatoriana de la Lengua, “*El Ecuador y Moby Dick*”, (Quito: octubre 2011). Casa de la Cultura Ecuatoriana.
- Melville, Herman. “*Moby Dick or The Whale*”, (New York: Harper & Brothers Publishers, 1851)
- Primer Registro Auténtico Nacional No. 27 / 1836/ Hemeroteca Centro de Investigación y Cultural. Banco Central del Ecuador C.I.C. En Iza Terán, Carlos, “*De la Concha Spondylus al Dólar*”. Quito; Publicaciones Academia Nacional de Historia, en imprenta, 2019.
- Sofronia, Maravelaki. La evolución de las corrientes literarias del siglo XIX y sus características más importantes. <https://milocusamoenus.wordpress.com/2012/07/17/la-evolucion-de-las-corrientes-literarias-del-siglo-xix-y-sus-caracteristicas-mas-importantes>. Acesado en 03/08/2019.



Carlos IZA TERÁN

Quito, Valle de los Chillos Ecuador

Alangasí, Juan Paulino Iza N3-272

Tel:593-992527531

E-mail ciza63@yahoo.com / ciza@numismaticacentroamericana.com

Miembro Correspondiente de la Academia Nacional de Historia del Ecuador.
 Miembro Honorífico Punto de Encuentro Numismático de Guatemala
 Miembro Directorio Grupo Numismática y Notafilia de Bogotá Colombia
 Miembro de la Asociación Numismática de Centro América San José Costa Rica
 Miembro de la Asociación Filatélica Ecuatoriana Quito Ecuador
 Miembro Asociación Numismática Americana ANA. Estados Unidos
 Miembro Correspondiente Instituto de Investigaciones Históricas y Numismáticas del Perú
 Miembro Asociación Numismática Española ANE
 Miembro del Comité Editorial Internacional de la “Revista Numismática Brasileira”



El dinero bala

Pons Javier Guillermo

Círculo Numismático y Filatélico de Santiago del Estero

*El martillo impacta la aguja
La explosión de la pólvora con fuerza empuja
Movimiento de rotación y traslación
Sale la bala arrojada fuera del cañón
Con un objetivo directo
La bala pasea segura y firme durante su trayecto
Hiriendo de muerte al viento...*

Bueno, quizás se pregunten si amo a Calle 13, pues no, me encantan algunas de sus canciones ya que mi amor incondicional es al Heavy Metal, pero este tema particularmente llamado “la

bala” me introduce a lo que les traigo hoy, (pueden ponerlo de fondo y leer).

Resulta que Asia nunca deja de sorprender al mundo y en la numismática no va a ser la excepción.



Reino de SIAM

En la actual Tailandia existió un reino llamado “el Reino de Siam”, el adjetivo “Siam” significa “los de piel oscura”. Se utilizaba por parte de los pueblos autóctonos de Tailandia para referirse a los individuos de la etnia Tai, Sus gentes procedían de la zona de Guangxi en China y se establecieron en las fértiles llanuras del país en busca de una mejor calidad de vida, estos a partir del siglo XIII hasta mediados del XIX

utilizaron las monedas balas o Pot Duang (literalmente denominada “oruga acurrucada”, algo más parecidas a unos perdigones que a balas de hoy en día y que se fabricaron a través de los años en diferentes metales estas se correspondían en unidades de peso con base en 1 bath o tical (aproximadamente 15,244grs) y existiendo diversas fracciones y múltiplos de dicha unidad.

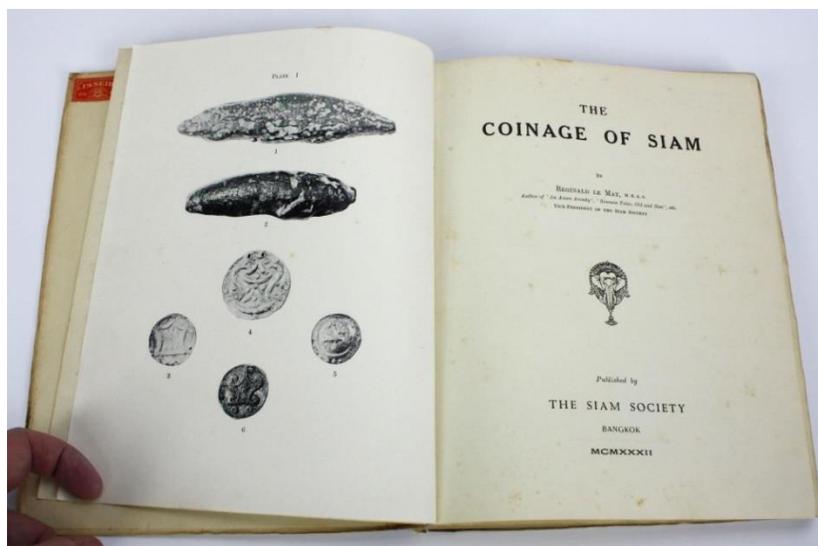


Dinero bala o Pot Duang (oruga acurrucada) de oro

Estas monedas que tuvieron una vida útil de casi 600 años (emoji carita de asombro) puede decirse que también se convierten en las monedas que mayor tiempo circularon en la zona.

Las Pot Duang eran fabricadas mediante un proceso lento y costoso, comenzaron a acuñarse allá por los siglos XIII - XIV. Ese proceso está indicado en el libro llamado “The Coinage of Siam”

del año 1931 escrito por *Reginald Le May*; donde cuenta sobre la historia de la acuñación de dichas monedas, este junto al director de la **Casa de la Moneda** y el Príncipe *Damrong* de Siam, presenciaron una demostración del proceso de fabricación, realizada por un artesano anciano y un grupo de ayudantes en la Real Casa de la Moneda.



Reginald Le May - The Coinage of Siam (1931)

El proceso de fabricación de las monedas “bala” consistía en cortar la plata mediante el uso de tijeras e ir colocándolas en conchas marinas que servían de bandeja para pesar el metal. La plata se traspasaba a un crisol en el que era fundida sobre brasas avivadas con un fuelle. Una vez fundida, se colocaba en un molde de madera que se enfriaba con agua, obteniendo una pieza de forma

elíptica, con la parte superior aplanada y la inferior más abultada y redondeada.

La pieza se colocaba en un soporte de metal con un hueco (parecido a un yunque), y mediante el uso de cincel y martillo, a la pieza se le realizaban dos marcas paralelas en la parte media de la zona plana, lo que facilitarían el plegado de la misma con los posteriores martillazos. Una vez que la pieza tenía forma semiesférica, se le hacían las marcas.

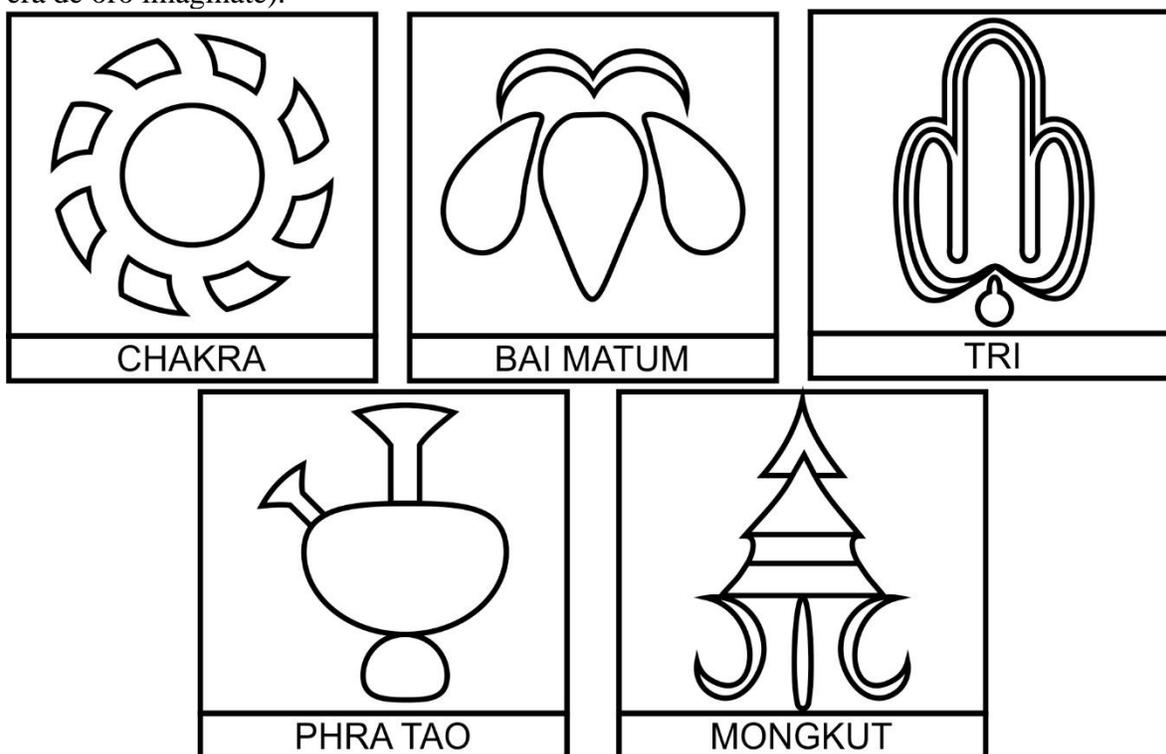


Diferentes formas de la moneda, con sus correspondientes marcas.

<http://tarousa.blogspot.com/2006/09/pot-duang-bullet-coin.html>

Se estima que la cantidad de monedas “bala” que podían ser fabricadas en un día por un artesano experto rondaba las 240 piezas. Dado que en los primeros años del reinado del Rey Mongkut (Rama IV) existían en torno a 10 moldes, la cantidad de monedas acuñadas por día podría rondar las 2400 piezas.

Existen una gran variedad de pesos, teniendo en cuenta que 1 bath era su base la configuración de valores conocidos rondan entre 1/128 a 80 bath, pero las más comunes o las que generalmente podemos encontrar rondan entre los 1/64 a 4 bath, ya que las de 80 bath se utilizaban para propósitos contables; haciendo un cálculo rápido podemos decir que 80 bath eran unos 1,22Kg de metal (si era de plata te alcanzaba para la heladera SIAM y si era de oro imagínate).



Algunas de las marcas usadas

Bueno, el caso es que dicha moneda llevaba consigo unas marcas que representaban al rey de turno y su dinastía (que son indicativas de su fecha de emisión). Estas impresiones se acuñaban apostando el metal sobre un hueco de hueso de pata de elefante y posteriormente se imprimía la marca usando un perforador. El hueso de elefante era el apropiado ya que la madera al no ser suficientemente fuerte se partía y el metal demasiado duro y provocaba que la moneda se aplanara (todo un trabajo,

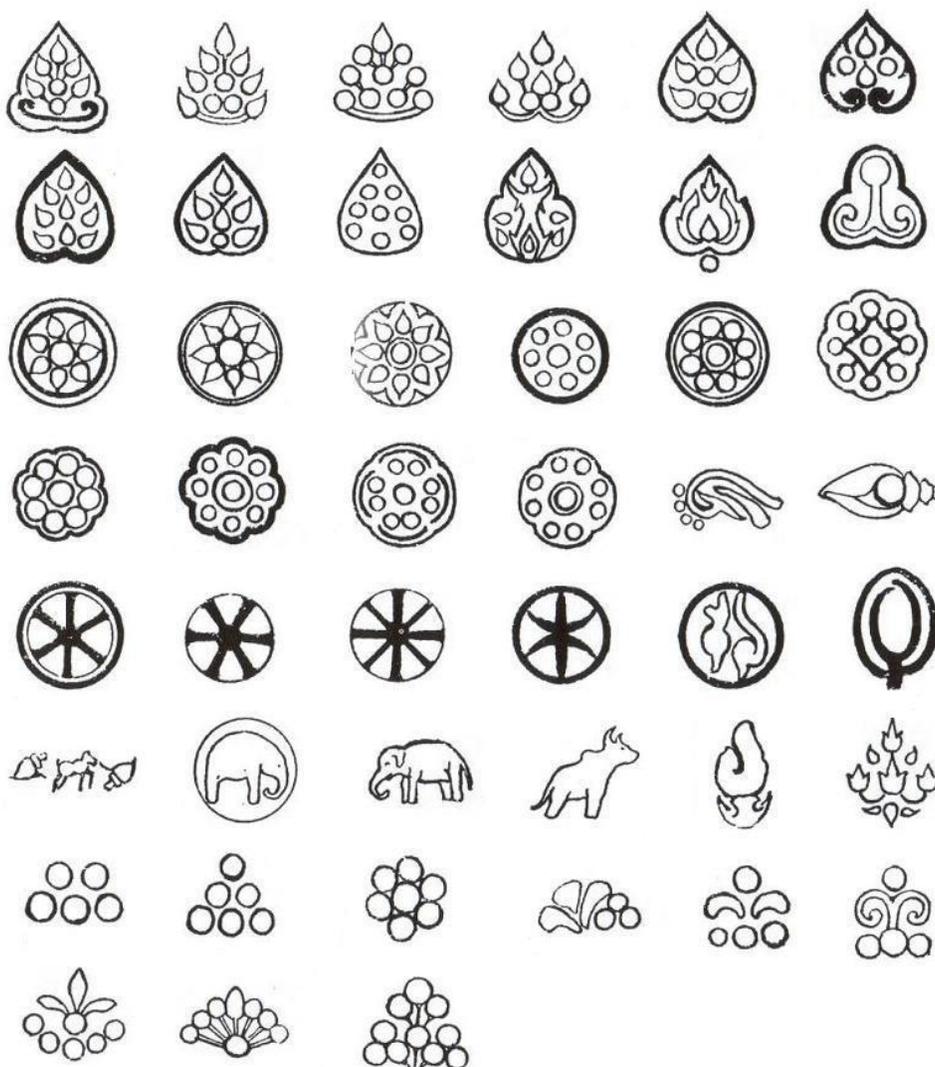
no podían hacerlas redondas y listo, que cosa che).

Siguiendo con las marcas se pueden encontrar también en estas, un símbolo circular que representa el chakra “la rueda del dharma”, un concepto hinduista budista que representa la ley o la religión, y que simboliza los centros de energía Chakri, otra marca utilizada en la moneda de 1 baht es la de un Bai Matum, un árbol de membrillo propio del sudeste asiático, utilizado como la cuarta marca del reinado de Rama III (1824-1851),

siguiendo el estudio de las marcas, la moneda de 1/4 baht refleja un símbolo llamado “Phra Tao” (una vasija de agua) primera marca del reinado de Rama IV (1851-1868). Rama IV fue conocido como Mongkut, que les resulta familiar este nombre es porque el monarca fue inmortalizado en el musical “El Rey y Yo”, basado en la novela Anna y el Rey de Siam de Margaret Landon, película que muestra la apertura del país a corrientes occidentales contada desde el punto de vista de una profesora de inglés en la corte tailandesa.

La moneda de un octavo de baht con sus reducidas dimensiones posee la marca de un “unalom”, una concha ornamentada utilizada como marca del final del reinado de Rama I (1782-1809), el primer monarca de la dinastía Chakri.

La gran variedad de diseños encontrados en estas monedas es debido a sus 600 años de vigencia. Monedas que reflejan lugar de acuñación y otras con motivos conmemorativos tales como la muerte y cremación de un rey o un aniversario determinado, son otras de las curiosidades que podemos apreciar.



Pero como todos tiene su ciclo esta moneda que circulo tantos años, llego a su fin y los motivos no son distintos a los que solemos presenciar en la actualidad, razones comerciales y de adaptación a los nuevos tiempos. El rey Rhama IV (1851-1868), deseaba revitalizar el comercio exterior con Gran Bretaña y otros países permitió la entrada

de la moneda extranjera y la impresión de papel moneda, este importo maquinaria nueva de acuñación con el fin de emitir los Pot Duang, que siguieron utilizándose hasta principios del siglo XX, momento en el que se retiraron completamente de circulación para adoptar definitivamente un sistema monetario decimal.

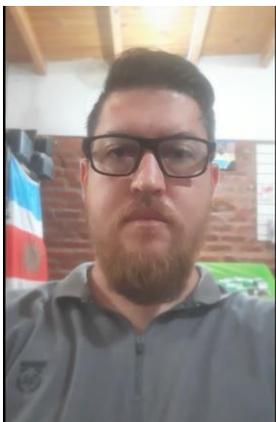


Cabe destacar que estas monedas tan curiosas y extrañas para la mayoría son objetos numismáticos muy apreciados en el coleccionismo y sobre todo en las curiosidades numismáticas.

Esto es todo por hoy voy a continuar cantando y recuerden... cuando se lee poco, se dispara mucho... pla, pla, pla...

BIBLIOGRAFIA

- Calle 13 (2012). *La Bala* - Letra tema musical. <https://www.unicef.org/colombia/comunicados-prensa/calle-13-estrena-su-video-la-bala/> / <https://puertoricoindie.com/2012/11/09/calle-13-la-bala/>
- Echague, J.R.V. (2012). Pot Duang: el dinero "bala". *Curiosidades Numismáticas*. <http://curiosidadesnumismaticas.blogspot.com/2012/04/pot-duang-el-dinero-bala.html>
- Echague, J.R.V. (2017). Pot Duang: el dinero "bala" (II). *Curiosidades Numismáticas*. <https://curiosidadesnumismaticas.blogspot.com/2017/10/pot-duang-el-dinero-bala-ii.html>
- Le May, Reginald (1931). *The Coinage of Siam*. Volume 9 de *Siam Society selected articles from the Siam Society journal*, Siam Society, 134 páginas
- Sosa, J. (2014). *Pot Duang, moneda "bala" del Reino de Siam*. <http://www.conuvi.com.ar/posts/micoleccion/6600/Pot-Duang-moneda-quot-bala-quot-del-Reino-de-Siam.html>
- Tarousa (2006). *Pot Duang (Bullet Coin)*. <http://tarousa.blogspot.com/2006/09/pot-duang-bullet-coin.html>



Pons Javier Guillermo

Oriundo de Pampa de los Guanacos, Santiago del Estero, padre, esposo.

Integrante del Círculo Numismático y Filatélico de Santiago del Estero

Amante del coleccionismo, escribir, investigar y dibujar.

Diseñador gráfico por hobby, me encanta diseñar billetes, en noviembre junto con el APNA emitimos una serie de billetes de fantasía sobre aviones de fabricación Argentina y/o que participaron en el conflicto Malvinas.



LA CECA DE LONDRES - THE ROYAL MINT 2019

Jonathan Isaac Moscoso Briceño
Centro Filatélico y numismático Chimbote, Perú

Este año se celebra el 50 aniversario en el sur de Gales - un cambio que transformó la *Royal Mint* para siempre- instalándose en Llantrisant e introduciendo la decimalización para el Reino Unido.

La ceca original de Londres, de la que *The Royal Mint* es la sucesora, se estableció en el año 886 y funcionó dentro de la Torre de Londres durante aproximadamente 800 años antes de trasladarse a lo que ahora se llama *Royal Mint Court*, donde permaneció hasta la década de 1960. A medida que Gran Bretaña siguió al resto del mundo en la decimalización de su moneda, la Casa de la Moneda se mudó de Londres a una nueva planta de 38 acres (15 ha) en Llantrisant, Gales. Donde ha permanecido desde entonces.

El Ministro de Hacienda es el Director de la Casa de la Moneda. El *Royal Mint Trading Fund* se creó el 1 de abril de 1975, a partir del 1 de abril de 2002, se agrega una extensión y variación en virtud de la Ley de fondos comerciales del Gobierno de 1973. Para "gestionar las operaciones financiadas de modo que el volumen de negocios del fondo no sea inferior al necesario, teniendo en cuenta de un año a otro, para hacer frente a los gastos que son propiamente imputable al volumen de negocios".

En la práctica, este requisito legal se interpreta en general en el sentido de que, si bien el *Royal Mint Trading Fund* está autorizado a registrar una pérdida de explotación en cualquier ejercicio financiero, esta pérdida debe compensarse en los años siguientes para que se alcance el punto de equilibrio financiero.

La ceca exporta a un promedio de 60 países al año, representando el 70% de sus ventas totales.

En 2009, después de las recomendaciones para la privatización de la casa de moneda, *Royal Mint* dejó de ser una agencia ejecutiva del gobierno y se convirtió en una empresa estatal de propiedad exclusiva de HM Treasury. A 31 de diciembre de 2009, los activos y pasivos de negociación de la *Royal Mint Trading Fund* fueron otorgados a una subsidiaria llamada *The Royal Mint Limited*.

El *Her Majesty's Treasury* (Tesoro de su majestad) es 100% propietario de las acciones de la empresa a través del Fondo de comercio. Todos los activos de naturaleza histórica fueron conferidos en una compañía separada, *The Royal Mint Museum* "compañía limitada por garantía" (Museo Real de Casa de Moneda).

Como se describe a continuación, las actividades del *Royal Mint Trading Fund*, se desarrollan principalmente a través de dos compañías subsidiarias, *The Royal Mint Limited* y *The Royal Mint Museum*.

Las operaciones de *The Royal Mint Limited* se dividen en dos segmentos Moneda circulante y moneda conmemorativa:

Moneda circulante:

1 - El servicio de la fabricación y suministro de monedas circulante y en cospel para los gobiernos de ultramar, los bancos centrales, los emisores autorizados y cecas. Así como las prestaciones de servicios y asesoramiento técnicos relacionados con la fabricación de monedas y piezas en bruto.

2 - La fabricación de monedas circulante en el Reino Unido está en virtud de contrato con el Tesoro de Su Majestad.

3 - Tenemos Metales no ferrosos: El cobre, el níquel y el zinc son todas materias primas negociadas en la Bolsa de Metales de Londres (LME).

4 - Y Metales ferrosos: Con la creciente demanda de monedas y piezas brutas aRMour®, el volumen de acero utilizado por la empresa está aumentando. El acero se adquiere mediante contratos de seis meses para tratar de evitar la volatilidad a corto plazo.

Moneda Conmemorativa:

Brinda la fabricación, comercialización y distribución de monedas proof, lingotes y medallas conmemorativas en el extranjero y en el Reino Unido.

La fabricación y suministro de medallas, matrices oficiales y sellos.

La licencia de los derechos de diseño para la fabricación y suministro de oro para las monedas soberanas; y el almacenamiento seguro de los metales preciosos.

La *Royal Mint* ha empleado dos estrategias diferentes en el negocio de las monedas conmemorativas.

1 - Productos *proof*: Las monedas se fabrican para la venta a través de La campaña de marketing y promoción de la *Royal Mint Limited*. Los costos de los metales se aseguran mediante la realización trimestral de compromisos a

Fuentes:

<https://www.gov.uk/official-documents>

<https://www.westminstercollection.com/>

<https://www.royalmint.com/>

precios fijos acordados. Los precios de venta son ajustados para reflejar estos costes, minimizando de este modo el impacto de las fluctuaciones en los precios de los metales en las futuras transacciones y flujos de efectivo.

2 - Lingotes: Los precios de venta se basan en las tasas de mercado prevalecientes de los metales preciosos, que se compran específicamente para satisfacer cada pedido evitando así la exposición al riesgo, mediante el uso de acuerdos de consignación.

The Royal Mint Museum.

El *Royal Mint Museum*, del cual el tesoro real de Su Majestad es el único miembro, tiene la función de preservar,

proteger y mejorar los activos patrimoniales



para las generaciones futuras, y también dar a conocer las actividades de la ceca de Londres como la fabricación, comercialización, distribución y educación. Durante este año el principal objetivo ha sido implementar el programa educativo ofrecido como “*The Royal Mint Experience*”, a través de clases magistrales, guiadas y no guiadas y un programa de eventos.

Con su historia de 1.100 años *The Royal Mint* se convierte en una de las principales cecas a estudiar, por el coleccionista y numismático apasionado.



JONATHAN MOSCOSO (Perú)

Tecnólogo Médico de profesión, ejerce en el hospital de la seguridad social "Essalud". Fundador y actual Presidente del Centro Numismático y Filatélico Chimbote. Representante de Distrito para Perú de la American Numismatic Association. Desde 2014 ha organizado diversos Expo seminarios numismáticos, de forma gratuita y abierta a todo público, en las ciudades de Chimbote, Nuevo Chimbote, Trujillo y Chiclayo, orientados a suplir la falta de museos numismáticos en esas ciudades. Escribió Juramentos secretos de los Ensayadores, artículo publicado en la revista UNAN N° 21 Nov 2017.



Voltando as suas origens, a **Sociedade Numismática Brasileira** relança a **Revista Numismática Brasileira** que circulou de 1933 a 1954, visual moderno, de caráter científico e com a identificação de **ISSN 2675-0155** (*International Standard Serial Number*), Número Internacional Normatizado para Publicações Seriadas ou Número Internacional Normatizado das Publicações em Série, usado para identificação única de uma publicação em série, aceito internacionalmente.

Neste número que será apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de numismática, da SNB, o leitor encontrará temas interessantes de pesquisadores:

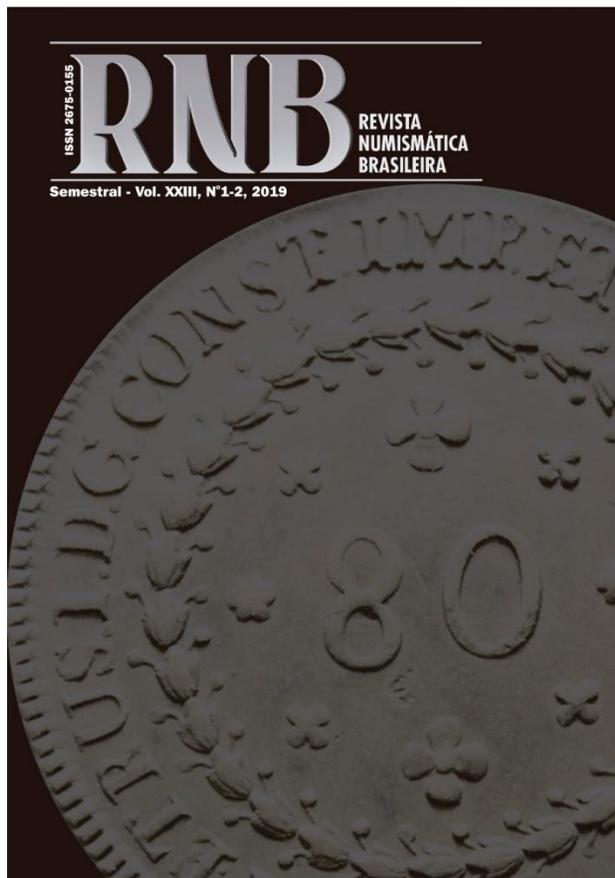
- 960 Reis e seus recunhos, de Paulo Antônio Rodrigues Abreu;
- Manutenção e conservação da coleção: um tabu da numismática moderna, de André Luis Castro Padilha;
- Produções acadêmicas em numismática no Brasil, de Oswaldo M. Rodrigues Jr.;
- Os primórdios da massificação de moedas de cobre para as colônias portuguesas, de Giovanni Miceli Puperi;
- Falsificação monetária no Brasil: aspectos jurídicos, de Bruno Henrique Minuchi Pellizzari e
- Moedas de Israel: the bank of Israel collection. Origens, passado e presente, de Marici Magalhães.

A RNB também conta com uma Comissão Editorial Nacional e Internacional de pesquisadores especializados em numismática que fará a análise dos artigos a ser publicados, e que com certeza contribuirá para a nossa numismática.

São Paulo, novembro de 2019

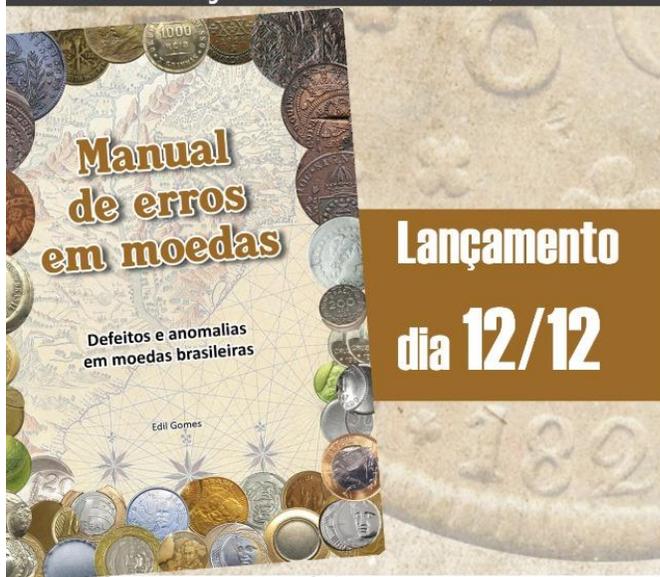
Oswaldo M. Rodrigues Jr., Editor
Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari, Coordenador administrativo
Edil Gomes, Coordenador de diagramação e gráfica

Informações: snb@uol.com.br





Local: Novotel Jaraguá Conventions Rua Martins Fontes, 71 - São Paulo - SP



Lançamento
dia 12/12



Apoio
Cultural



Tenor & Pellizzari
Leilões
www.tpleiloes.com.br
Rua 24 de Maio, 247, Sala 62-2
República - São Paulo/SP
Tel.: (11) 3362-1040

Lançamento do livro “Manual de Erros em Moedas”

Quem nunca se deparou com uma moeda com algo estranho que diferenciava de outras, ou mesmo viu alguma postagem mostrando um tipo de erro que impressionou. Pois bem, erros em moedas não é algo novo, já é conhecido em outras épocas e é amplamente estudado em diversos países, mas pela quantidade de moedas cunhadas, virou “febre” entre colecionadores a sua procura.

Com isso, muitas dúvidas foram surgindo, se um erro era real ou criado com a intenção de enganar, pensando em esclarecer algumas dessas questões, resolvi buscar pesquisar sobre o assunto. Recebi a ajuda de vários numismatas, alguns que se especializaram em colecionar erros e se ampliou tanto que quando percebi já tinha material de mais de 40 deles, o que possibilitou fazer uma boa amostragem.

Como o material escrito também foi aumentando, já não daria somente um artigo, então resolvi ir mais a fundo e criar um manual de erros em moedas brasileiras, onde o colecionador pudesse tirar suas dúvidas, entender como é a cunhagem, desde a fundição do metal até a cunhagem e distribuição.

Para entender cada erro ou anomalia, elas foram identificadas e catalogadas e separados de acordo com a etapa onde foram criados, inclui também outros que poderiam ser confundidos com erros. Um diferencial foi a inclusão de mais de 200 fotos de anverso e reverso de diversos tipos de erros, onde o colecionador poderá comparar moedas brasileiras com erros de várias épocas reunidas em um único local.

O livro “Manual dos erros em moedas Brasileiras”, tem 150 páginas, impressos em papel couchê, como imagens coloridas e será lançado dia 12 de dezembro durante o XXIII Congresso Brasileiro de Numismática.



Local: **Novotel Jaraguá Conventions**
Rua Martins Fontes, 71 - Centro - São Paulo - SP

INSCREVA-SE AQUI:



Sede Social

Rua 24 de maio nº 247
2º andar - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3222.3534 e 3333.7004
e-mail: snb@snb.org.br

ASSOCIE-SE www.snb.org.br



Programação de palestras

Quinta-feira - 12/12

- 13h- **American Numismatic Association** - Steve Ellsworth e Muriel Eymery (ANA - Estados Unidos)
- 14h- **Fabricação pública e privada de papel moeda no Brasil** - Hilton Lucio (SNB)
- 15h- **Enigma das falsificações das moedas graduadas** - Helder Silva (Portugal)
- 16h- **A História dos meios de pagamento, em um contexto de História, Numismática e Arte** - Alfredo Gallas e Fernanda Gallas (Itaú Numismática)
- 17h- **As raras e pouco conhecidas moedas de cobre do Brasil** - Enio Garletti (SNP)

Sexta-feira - 13/12

- 09h- **O colecionismo e a declaração de imposto de renda** - Paulo Kops (SNP)
- 10h- **A outra face da medalha: a invisibilidade de grupos sociais na medalhística brasileira** - Goulart Gomes (UFBA)
- 11h- **Classificação e graduação de moedas brasileiras: A escala de Sheldon** - Paulo Abreu (SNB)
- 12h-13h - **ALMOÇO LIVRE**
- 13h- **Nova linha de negócios: Bullion de Ouro - Ativo Financeiro** - Bernardo Aieta (Casa da Moeda do Brasil)
- 14h- **Pesquisa acadêmica de Numismática no Brasil** - Oswaldo Rodrigues Jr. (SNB)
- 15h- **O dinheiro antes da moeda: formas primitivas do dinheiro, uma leitura antropológica** - Vagner Porto (USP)
- 16h- **A Iconografia Monetária de Serápis na Numismática Alexandrina: um estudo comparado das representações imagéticas na cunhagem monetária Ptolomaica (305-30 a.C.) e Romana (30 a.C.-192 d.C.)** - Caroline Neiva (UFRJ)
- 17h- **Arquitetura nos projetos de cédulas** - Emerson Julião (SNB)

Sábado - 14/12

- 09h- **Catawiki Leilões Online - Plataforma comercial inspiradora** - Helder Silva (Portugal)
- 10h- **Introdução à Numismática** - Gilberto Tenor (SNB)
- 11h- **Os 95 anos da Sociedade Numismática Brasileira** - Bruno Pellizzari (SNB).

Uruguay -BCU presenta muestra de monedas conmemorativas

Del 7 al 20 de diciembre

El Museo Numismático del Banco Central del Uruguay presenta la muestra temporaria “Monedas conmemorativas 2016 – 2019”.

La muestra tendrá lugar en el Mirador Panorámico de la Intendencia Municipal de Montevideo y podrá ser visitada entre el 7 y el 20 de diciembre en el horario de 10 a 20 horas.

Cumpliendo su rol de emisor el BCU brinda homenaje a hitos de la cultura nacional a través de la emisión de monedas conmemorativas. La muestra se compone de las monedas acuñadas que tuvieron su lanzamiento en el año 2019, hasta el 30 de noviembre. Ellas son:

- Moneda conmemorativa del cincuenta aniversario del Congreso de Unificación Sindical
- Moneda conmemorativa del centenario de La Cumparsita
- Moneda conmemoración del centenario del fallecimiento de José Enrique Rodó
- Moneda conmemorativa del ciento cincuenta aniversario de la Cámara Nacional de Comercio y Servicios del Uruguay
- Moneda conmemorativa del Bicentenario de la Armada Nacional

La muestra tendrá un acto de inauguración el lunes 9 de diciembre a las 15 horas y contará con las autoridades del BCU.

El Museo Numismático del Banco Central del Uruguay
invita a la inauguración de la muestra

2016-2019
**MONEDAS
CONMEMORATIVAS**



Ecuador – BCE – Museo Numismático – Pieza del Mes

El #MuseoNumismático saluda a #Quito con la #PiezaDelMes, en sus 485 años de Fundación.

Presentamos el billete de 10 sucres que en su anverso cuenta con la imagen de Sebastián de Benalcazar, a quien se atribuye la Fundación de Quito en 1534. Este billete, de 1974, corresponde a una serie en la que por primera vez se incluyen personajes de relevancia histórica nacional; además de que se asigna un color para cada denominación, en este caso azul para los 10 sucres.

#FiestasQuito #VivaQuito

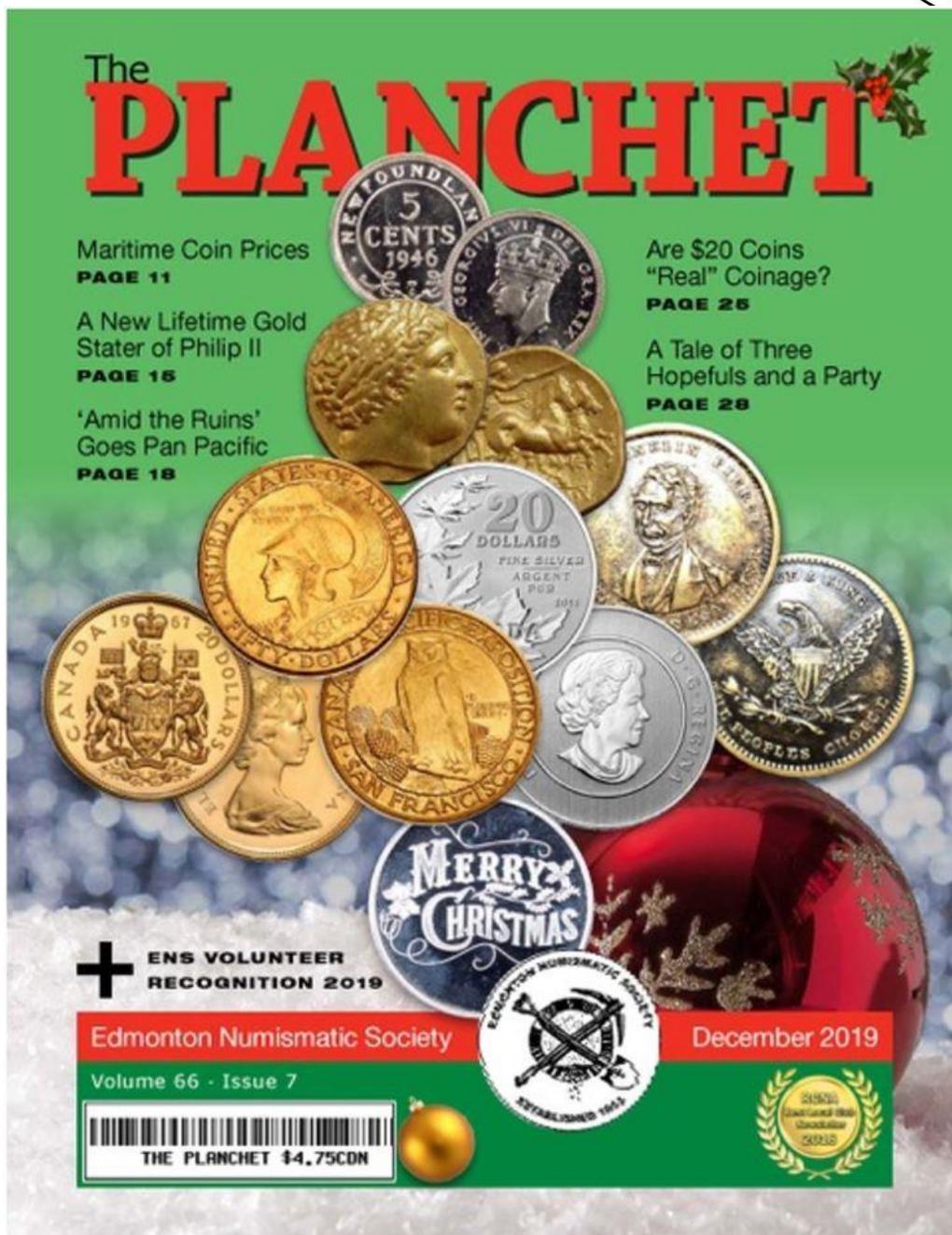
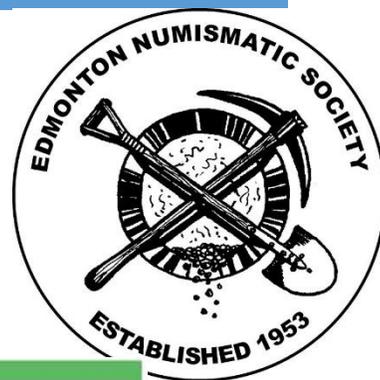


Billete 10 sucres, 1974, Banco Central del Ecuador.
Colección Museo Numismático BCE.

Edmonton Numismatic Society

The latest ENS "The Planchet - Dec 2019" is now available for download. Don't have a password to access the latest issue.... No worries, drop by our website and sign up for a membership. It's really that simple.

<https://edmontoncoinclub.com/membership/new-membership/>



PINF Porto International Numismatic Fair Porto

15. - 16. May 2020

In the premises of the Dr. António Cupertino de Miranda Foundation, a foundation for culture and education in Porto, where the Portuguese paper money museum and one of the largest coin collections in Portugal and its former colonies is located as well, the international numismatic fair PINF takes place. For this purpose, over 50 exhibitors are gathered in the Portuguese city in order to present a wide variety of rare and beauty exhibits to a wide audience. The exhibition is aimed at both, coin lovers as well as stamp and paper money-collectors. On the day of the exhibition, the visitors will get free admission to the museum. Free parking is available on site. In conjunction with the exhibition, a visit to the attractive city of Porto is always worthwhile.

On the whole the organisers welcomed on the 2 days of the fair, from 18. May to 19. May 2018, about 80 exhibitors on the PINF Porto International Numismatic Fair in Porto.

The PINF Porto International Numismatic Fair will take place on 2 days from Friday, 15. May to Saturday, 16. May 2020 in Porto.



Event location

Dr. António Cupertino de Miranda Foundation

Boavista Ave. 4245, 4100-140 Porto - Portugal

Date: May 15 and 16th, 2020

Schedule: 10:00h - 16:30h

Free entrance

PINF exclusive release - Souvenir 0 euros Porto City 2019



<http://www.pinf.pt/>

DIA DO NUMISMATA no Brasil

SNB – Sociedade Numismática Brasileira

No Brasil, a ideia de escolher-se uma data para Dia do Numismata Brasileiro surgiu em uma reunião da Sociedade Numismática Brasileira, realizada no dia 14 de junho de 1934. De posse desta ideia, diversas consultas foram feitas a profissionais da área para se estipular a melhor data. Entre eles o Dr. Edgard Araújo Romero, Diretor do Museu Histórico Nacional.

Da enquete realizada definiu-se o dia 1º de dezembro pelo seguinte motivo: no dia 1º de dezembro de 1822 foi realizada a coroação de D. Pedro I como Imperador do Brasil, iniciava-se uma nova fase do Brasil como país independente. Neste dia foi lançada a primeira moeda do novo regime: 6.400 réis em ouro. Esta moeda é conhecida como Peça da Coroação e é uma das mais raras e caras moedas brasileiras, além de ser a primeira genuinamente nacional, do Brasil Independente.

Outros fatos ajudam a valorizar este dia; por decreto desta data D. Pedro ordenou que se substituísse a Coroa Real do Escudo das Armas pela Coroa Imperial e, ainda, no mesmo dia, foi criada a Ordem Imperial do Cruzeiro.

Além de ser o dia de Santo Eloi ou Elígio, Padroeiro dos Numismatas.

O PADROEIRO DOS NUMISMATAS

Elói ou Elígio (588 — 1 de dezembro de 660), de origem familiar Galo-Romana nobre, foi artesão em Limoges onde trabalhou como aprendiz do superintendente mestre de cunhagem de moedas reais.

Dado o seu carácter de rigor e honestidade, foi incumbido da construção dum trono para o rei Clotário II. Deu-se a circunstância de que conseguiu construir não um, mas dois tronos, com o ouro que para esse efeito lhe tinha sido entregue. Este fato valeu-lhe a promoção a chefe da casa da moeda a par de ourives oficial do rei.

Exerceu a profissão de ourives com grande prestígio, foi autor de diversas moedas que circularam com sua assinatura, e chegou em certa altura a ser o cunhador da moeda de Marselha. Após a morte de Clotário II, Dagoberto I manteve-o nas mesmas funções acrescentando-o ainda das incumbências de conselheiro e diplomata. De tal sorte exerceu de forma eficaz estes cargos, que muitas vezes era ele quem se encontrava com os emissários estrangeiros antes destes se encontrarem com o rei, evitando assim o espoletar de conflitos, dado o tempero e carácter conhecidos do soberano, não só na vida pública como inclusivamente na privada, onde santo Elígio também exerceu muitas vezes as suas influências paziguadoras. Apesar de tanta tarefa e responsabilidade ainda conseguiu ter tempo para se dedicar a obras de carácter social ligadas à igreja e isto valeu-lhe a nomeação para Bispo de Noyon e Tournai, embora tivesse exercido este mister durante pouco tempo, pois preferia antes o trabalho no terreno junto às obras por ele fundadas.

Fundou muito cedo um mosteiro em Solignac e um convento para mulheres em Paris e mais tarde outros.

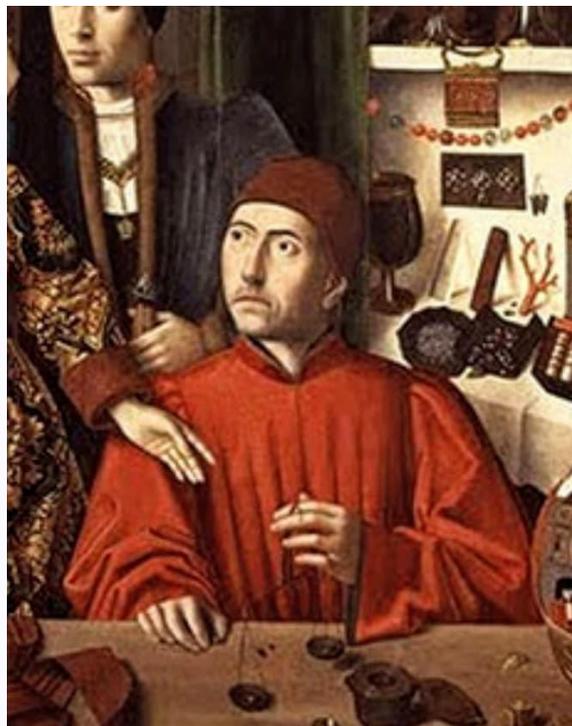
Apoiou o trabalho missionário, sendo generoso para com os pobres fazendo ainda uma especial amizade com Santa Batilde.

Ainda hoje existem obras-primas atribuídas a este santo diplomata e artífice, entre elas, alguns relicários, verdadeiras preciosidades artísticas. Atribuem-se-lhe os relicários feitos para S. Germano de Paris, S. Piat, S. Severino, S. Martinho, Santa Comba e Santa Genoveva. Consta que o túmulo de S. Dinis também foi guarnecido com trabalhos de ourivesaria da sua autoria. Além dos negócios e trabalhos na sua arte, foi um benemérito, tendo estado implicado na libertação de escravos, no acudir à pobreza e no conforto levado a

prisioneiros. Demitiu-se de todos os cargos em 639 quando da morte do rei e entrou para a vida eclesiástica. Foi nomeado Bispo em Ruão após ter sido ordenado sacerdote. Fundou, como se disse, mosteiros, entre os quais um perto de Solignac em Limousin, outro dedicado a S. Martinho de Noyon e ainda outro a dez quilómetros de Arrás, numa colina que depois se chamou Monte de Santo Elói (Santo Elígio). A sua fama transvasou a França e espalhou-se por toda a Europa.

É o padroeiro dos numismatas, ferreiros e dos ourives, e de modo geral dos que trabalham o metal. O seu dia é 01 de Dezembro.

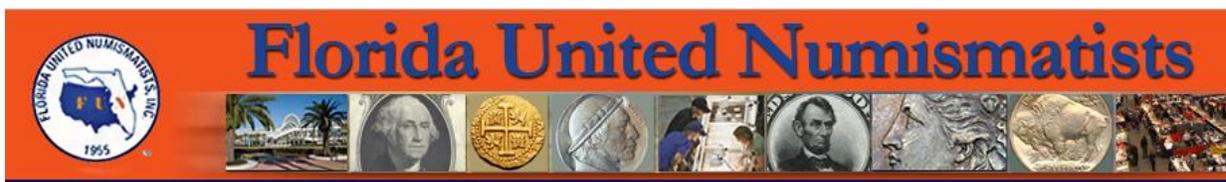
Visite o nosso site: www.snb.org.br



Medalha creditada a Pedro Pinto Balsemão em homenagem a Santo Elígio, patrono dos numismatas, baseada em medalha de 1966, por Don Turano.



65th Annual FUN Convention



January 9, 2020 to January 12, 2020

Orange County Convention Center, 9800 International Dr., Orlando, FL, 32819

The annual Florida United Numismatists (FUN) show in January is renowned for being the bellwether event on the numismatic calendar. With more than 1,500 dealers, a sale hosted by Heritage Auctions and a range of exhibitors, the show is attended by more than 15,000 of the most avid coin collectors.

Admission to the show is free to the public; however, show attendees must first stop by the public registration booths and pick up their “HELLO” badge before entering the bourse floor. The bourse will be open on Thursday and Friday from 10 a.m.-6:30 p.m.; Saturday from 10 a.m.-5:30 p.m.; and Sunday from 10 a.m.-3 p.m. Dealers are not required to stay on Sunday, so a smaller show will be held that day.

Contact: **Name:** Cindy Wibker

Phone: 407-321-8747

Email: cwibker@aol.com

Web: <http://www.funtopics.com/fun-convention.html>

